



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV - JACOBINA
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**CARMEM SOUZA PEREIRA
THÁSSIA DE SÁ SAMPAIO**

**VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADE CIGANA:
“JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS”**

**JACOBINA, BA
2016**

**CARMEM SOUZA PEREIRA
THÁSSIA DE SÁ SAMPAIO**

**VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADE CIGANA:
“JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS”**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Esp. Geysa Andrade da Silva

**Jacobina, BA
2016**

**CARMEM SOUZA PEREIRA
THÁSSIA DE SÁ SAMPAIO**

**VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADE CIGANA:
“JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS”**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Prof. Esp. Geysa Andrade da Silva
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Ma. Bárbara Bezerra de Santana Pereira
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Ma. Josenilce Rodrigues de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pelo dom da vida e por permitir que nossos caminhos se entrecruzassem, estabelecendo o vínculo da amizade que resultaria na construção deste trabalho.

Agradecemos uma à outra, pela amizade, apoio, companheirismo e carinho, surgidos durante a graduação, mas que não se restringiram a tal espaço.

Eu, Carmem, agradeço a minha família, em especial a minha mãe, Iracema, que, apesar das dificuldades, nunca mediu esforços para que eu pudesse alcançar esta etapa de minha vida.

Às minhas primas, grandes incentivadoras, me encorajando a adentrar o espaço acadêmico e estar aqui neste momento.

Eu, Thássia, agradeço aos meus pais, Dalmir e Nelma, torcedores constantes do meu sucesso, e ao meu irmão Allan, pelos conselhos. Vocês são excepcionais.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio durante a caminhada.

Juntas, agradecemos aos nossos professores de curso, tão importantes em nossas vidas acadêmicas.

À nossa turma de Letras 2012.1. Em especial, à Amada, Diana, Luana, Marcelo, Bira e Mariluce, vocês tornaram a jornada mais leve e feliz.

À Geysa Andrade da Silva, nossa “Pró Master” orientadora, pela paciência, atenção e dedicação dispensadas a nós antes, durante e depois do período de orientação. Somos-lhes muito gratas.

Aos informantes, pelo acolhimento e colaboração. Sem vocês não teríamos concretizado este trabalho.

À todos que, em algum momento contribuíram com a existência deste momento, nosso muito obrigada.

“Todas as palavras ajudam-se umas às outras e, desse modo, os homens conseguem exprimir todas as ideias que lhes passam pela cabeça.”

(Emília no país da Gramática)

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as variações lexicais dos falantes pertencentes a uma comunidade cigana, localizada na cidade de Jacobina – BA. Para delimitar o *corpus* da pesquisa, escolheu-se a área semântico-lexical “Jogos e Diversões Infantis”, a fim de verificarmos quais as lexis empregadas por esses sujeitos de etnia cigana, lexis estas que compõem a norma linguística do grupo investigado. Para tal, considerou-se enquanto variantes idade e o sexo/gênero. Uma vez que todo sistema linguístico em uso está vulnerável a sofrer variações, sejam fonéticas, semânticas, sintáticas e lexicais, torna-se possível compreender que o léxico de qualquer comunidade se modifica em resposta às necessidades discursivas de seus falantes. Para fazer o levantamento dos dados, utilizamos um extrato dos questionários pertencentes ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): Questionário de Informante e Questionário Semântico-Lexical. A pesquisa deu-se em três etapas, a primeira, voltada ao estudo teórico do léxico e suas ciências; a segunda, ao levantamento dos dados, através da gravação digital; a terceira, à análise do *corpus*. O trabalho está dividido em quatro seções: a primeira seção trata da teoria lexical e, para subsidiar essa etapa da pesquisa recorreremos a Genouvrier e Peytard (1973), Rey-Debove (1984), Biderman (1998; 2001; 2006), Isquerdo (1998), Abbade (2006), Nunes (2006), dentre outras leituras; Na segunda seção nos ativemos aos aspectos que envolvem a cultura cigana, embasando-nos em Teixeira (2008) e Pereira (2009); A terceira seção aborda a metodologia empregada para realização da pesquisa, conforme orienta Tarallo (1986; 2007); as leituras realizadas sobre o ALiB conforme dissertam Aguilera e Kami (2003) e o Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001; 2009), e a quarta seção foi destinada à análise dos dados colhidos, verificando a frequência em que as variantes encontradas ocorreram e revelando as significações que as mesmas possuem de acordo ao que apresentam os dicionários da língua portuguesa Houaiss (2009) e o Caldas Aulete Digital (2016).

Palavras-Chave: Léxico; Variação Lexical; Jogos e Diversões; ALiB.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the lexical variations of speakers belonging to the gipsy community, in the city of Jacobina - BA. To delimit the corpus of research, we chose the lexical-semantic field "Games and Children Amusement" in order to verify which of the lexias employed by these subjects Roma, lexias these that make up the linguistic norm of the group investigated. To this end, it was considered as variants age and sex / gender. Since every language system in use is vulnerable to changes, whether phonetic, semantic, syntactic and lexical, it becomes possible to understand that the lexicon of any community changes in response to the discursive needs of its speakers. To gather data, use an extract of the questionnaires belonging to the Linguistic Atlas of Brazil (Alib): Informant Questionnaire and Semantic-Lexical Questionnaire. The research took place in three stages, the first, focused on the theoretical study of the lexicon and its sciences; the second, the survey data, through digital recording; the third, the debruçamento for corpus analysis. The work is divided into four sections: the first section deals with the lexical theory to support this stage of the research we used the Genouvrier and Peytard (1973), Rey-Debove (1984), Biderman (1998; 2001; 2006), Isquerdo (1998) Abbade (2006), Nunes (2006), among other readings; In the second section to activate Open the aspects involving the Gypsy culture, basing ourselves in Teixeira (2008) and Pereira (2009); The third section discusses the methodology used to conduct the research as guides Tarallo (1986; 2007) and the readings made on the Alib as lecture Aguilera and Kami (2003) and the National Committee of Alib Project (2001; 2009), and fourth section was intended to analyze the data collected by checking the frequency in which the variants found occurred and revealing the meanings that they have according to presenting the dictionaries of Portuguese Houaiss (2009) and Caldas Digital Aulete (2016).

Keywords: Lexicon; Lexical Variation; Games and Amusement; Alib.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Frequência das formas lexicais de cambalhota – todas as respostas	50
Tabela 2	Frequência das formas lexicais de gude – todas as respostas	53
Tabela 3	Frequência das formas lexicais de estilingue – todas as respostas	56
Tabela 4	Frequência das formas lexicais de pipa – todas as respostas	58
Tabela 5	Frequência das formas lexicais de pipa/arraia – todas as respostas	61
Tabela 6	Frequência das formas lexicais de esconde-esconde – todas as respostas	63
Tabela 7	Frequência das formas lexicais de cabra-cega – todas as respostas	66
Tabela 8	Frequência das formas lexicais de pega-pega – todas as respostas	68
Tabela 9	Frequência das formas lexicais de picula – todas as respostas	70
Tabela 10	Frequência das formas lexicais de chicotinho – todas as respostas	73
Tabela 11	Frequência das formas lexicais de gangorra – todas as respostas	75
Tabela 12	Frequência das formas lexicais de balanço – todas as respostas	77
Tabela 13	Frequência das formas lexicais de amarelinha – todas as respostas	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Áreas Semânticas do QSL – ALiB	43
Quadro 2	Questões do QSL – ALiB – Área Semântica “Jogos e diversões infantis”	44
Quadro 3	Identificação dos informantes por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade	47
Quadro 4	Formas lexicais de cambalhota – sexo/gênero e idade dos falantes	50
Quadro 5	Formas lexicais de gude – sexo/gênero e idade dos falantes	53
Quadro 6	Formas lexicais de estilingue – sexo/gênero e idade dos falantes	56
Quadro 7	Formas lexicais de pipa – sexo/gênero e idade dos falantes	59
Quadro 8	Formas lexicais de pipa/arraia – sexo/gênero e idade dos falantes	61
Quadro 9	Formas lexicais de esconde-esconde – sexo/gênero idade dos falantes	64
Quadro 10	Formas lexicais de cabra-cega – sexo/gênero e idade dos falantes	66
Quadro 11	Formas lexicais de pega-pega – sexo/gênero e idade dos falantes	69
Quadro 12	Formas lexicais de picula – sexo/gênero e idade dos falantes	71
Quadro 13	Formas lexicais de chicotinho – sexo/gênero e idade dos falantes	73
Quadro 14	Formas lexicais de gangorra – sexo/gênero e idade dos falantes	75
Quadro 15	Formas lexicais de balanço – sexo/gênero e idade dos falantes	78
Quadro 16	Formas lexicais de amarelinha – sexo/gênero e idade dos falantes	80
Quadro 17	Rótulos do ALIB e suas respectivas variantes-padrão da comunidade cigana	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALIB	Atlas Linguístico do Brasil
BA	Bahia
F	Feminino
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
M	Masculino
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	LÉXICO E AS CIÊNCIAS	16
2.1	AFINAL, O QUE É LÉXICO?	16
2.2	LEXICOLOGIA E AFINS	20
2.3	SOCIOLINGUÍSTICA: VARIAÇÃO LEXICAL	22
3	ESTÃO ENTRE NÓS, MAS QUEM SÃO OS CIGANOS?	26
3.1	ORIGEM DA ETNIA	28
3.2	CIGANOS NO BRASIL	30
3.3	O ROMANÍ E A IDENTIDADE	33
4	OS PASSOS DA PESQUISA: METODOLOGIA	36
4.1	O PROJETO ALiB	36
4.2	OBJETIVOS	38
4.3	LOCALIDADE: A CIDADE DE JACOBINA	39
4.4	JUSTIFICATIVA	40
4.5	<i>CORPUS</i>	41
4.5.1	QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL	42
4.6	INFORMANTES	45
4.7	A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	47
5	ANÁLISE DOS DADOS	49
5.1	CAMBALHOTA	49
5.2	GUDE	52
5.3	ESTILINGUE	55
5.4	PIPA/PAPAGAIO DE PAPEL	58
5.5	PIPA/ARRAIA	60
5.6	ESCONDE-ESCONDE	63
5.7	CABRA-CEGA	65
5.8	PEGA-PEGA	68
5.9	PICULA	70
5.10	CHICOTINHO	72
5.11	GANGORRA	74
5.12	BALANÇO	77

5.13	AMARELINHA.....	79
5.14	O QUE OS DADOS REVELAM?	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS.....	85
	ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos de graduação no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, muitas foram as descobertas que, aos poucos, iam se realizando. Dentre tantas, a principal revelou-se como sendo o demasiado interesse por tudo que dissesse respeito ao estudo da língua, fosse a sua morfologia, fonética, sintaxe, semântica ou qualquer outra área específica. Compreender o sistema linguístico, conhecendo suas várias faces e facetas, apresentou-se como algo fascinante.

Foram nos bancos e salas de aula da universidade que surgiram as parcerias que viriam, mais tarde, dar vida a esta pesquisa. A primeira surgiu da amizade do dia a dia e, principalmente, do interesse em comum que nós, alunas e autoras da pesquisa, tínhamos pela área da linguística, assim o interesse em pesquisar algo em conjunto foi aos poucos se efetivando. Faltava apenas delimitar o tema e, sobretudo, um orientador, o que não foi uma tarefa muito difícil. A partir das aulas ministradas pela professora Geysa Andrade da Silva, em disciplinas como Significação e Contexto e Morfologia e a Construção do Significado, soubemos que ela poderia ser a orientadora ideal e, assim, após alguns diálogos com a mesma, os pontos, para que o presente trabalho fosse inicialmente construído, estabeleceram-se.

Tendo consciência da suscetibilidade variacional a qual a língua está exposta, uma vez que não há língua inalterável e todas se formam e se reformam com o passar do tempo, é que desenvolvemos o interesse por realizar uma pesquisa que investigasse a língua a nível lexical. O léxico corresponde ao conjunto de palavras que compõem uma língua, é por meio deste que se é possível registrar os conhecimentos do universo, permitindo que os homens se comuniquem e tenham sua história e cultura resguardada, podendo ser considerado, inclusive como “o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo da história” (BIDERMAN, 1998, p. 14).

Falante algum de uma comunidade, por maior que seja seu conhecimento linguístico, é capaz de fazer uso de todas as palavras que compõem o léxico de sua língua, deste modo, o sujeito, naturalmente, fará o uso frequente de um grupo seletivo de palavras, a este grupo chamamos

vocabulário. O vocabulário que uma comunidade emprega é resultado, normalmente, da herança linguística a qual é deixada pelos antigos falantes e, mesmo considerando o fato de que a língua se altera, é relevante compreender que a inserção de novas palavras se baseia, justamente, na herança que a comunidade já possui. Desse modo, o léxico se modifica, mas mantendo sempre uma mesma estrutura, e, assim novas palavras são inseridas, as que estavam em desuso retornam portando os mesmos ou novos significados; tudo isto, em resposta às necessidades discursivas que a língua deve expressar para atender às precisões daqueles que a utiliza.

Sabendo, portanto, do quanto a língua está exposta e sofre influências internas e externas, é que se propôs o presente estudo do léxico de uma comunidade cigana da cidade de Jacobina-BA. Para tal, escolheu-se trabalhar a área semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: “Jogos e Diversões Infantis”, a fim de verificarmos as diferentes lexias utilizadas por estes sujeitos ao se referirem a significados que já possuem significantes legitimados pela comunidade não-cigana¹.

Conhecer a realidade linguística do Brasil, identificando fenômenos fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais, entre outros, responsáveis por caracterizar o português brasileiro, tornou-se o principal objetivo do Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB). O ALiB, inverso aos atlas regionais brasileiros, adotou mais de um instrumento de coleta de dados, elaborando-se, assim, os seus questionários para inquérito, que são três: Questionário fonético-fonológico (QFF), Questionário semântico-lexical (QSL) e Questionário morfossintático (QMS). O ALiB inovou, ainda, acerca do perfil dos informantes e as localidades a serem investigadas. Considerando que já não se vive em um país que seja, em grande parte, rural, não se viu razão para prosseguir com uma pesquisa que primasse apenas por ouvir o falante residente em tal espaço, sem escolaridade, voltando-se, desse modo, à população urbana. (AGUILERA; KAMI, 2003).

¹ Esta pesquisa faz parte de um projeto maior “Comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco: um estudo sociolinguístico e lexical” da pesquisadora Geysa Andrade da Silva que tem a Universidade Estadual de Feira de Santana como instituição proponente frente ao Comitê de Ética em pesquisa, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – UEFS, a pesquisa tem relevância social e acadêmica, por se tratar de um recorte pouco investigado. Está autorizada de acordo com o parecer número 1.408.192 e em observância a resolução CNS466/2012 quanto à execução do processo de pesquisa que envolve seres humanos.

Na presente pesquisa optamos por trabalhar com o Questionário Semântico-Lexical (QSL), como já mencionado, que fora definitivamente construído em 2001, é composto por 202 questões, as quais se encontram distribuídas em 14 campos semânticos-lexicais: dos acidentes geográficos (6 questões), fenômenos atmosféricos (15 questões), astros e tempo (17) atividades agropastoris (25), fauna (25), corpo humano (32), ciclos da vida (15), convívio e comportamento social (11), religião e crenças (8), jogos e diversões infantis (13), habitação (8), alimentação e cozinha (12), vestuário e acessórios (6) e vida urbana (9), conforme apresenta Aguilera e Kami (2003).

Para a pesquisa, a escolha do campo semântico lexical foi feita de modo que seu conteúdo estivesse próximo à experiência de vida dos inquiridos, a fim de que as entrevistas se realizassem do modo mais tranquilo possível; assim, escolhemos o campo “Jogos e Diversões Infantis” e, sabendo que as pesquisas tanto dos atlas regionais quanto do ALiB já haviam alcançado comunidades rurais, urbanas, quilombolas, pensou-se em inserir uma nova: a comunidade cigana.

Com costumes bem particulares e sempre vistos de modo estereotipados, os ciganos tornaram-se os sujeitos pesquisados justamente por disporem, em nosso meio, de pouca visibilidade. Conhecer sua cultura de modo mais detalhado, compreender seus hábitos e sua organização e, principalmente, divulgar tal experiência é, sem dúvidas, o meio que possibilita, não apenas a quebra de preconceitos tão fortes contra estes grupos, mas também fazer com que suas várias vozes sejam ouvidas pela sociedade, como um todo. Uma vez escolhida a comunidade de falantes a ser entrevistada, foram estabelecidos os fatores responsáveis por delimitar a seleção desses falantes que foram idade e gênero/sexo, embora outros fatores sociais foram úteis nas análises.

A pesquisa que nos levou a campo culminou no presente trabalho escrito, o qual se encontra dividido em quatro seções. A seção I – “**Introdução**”. A seção II - “**Léxico e as ciências**”, aborda os aspectos teóricos do léxico bem como as ciências que se dedicam a estudá-lo, além de abordar também as relações entre língua e sociedade. A seção está ainda dividida em três subtópicos, são eles: 2.1 Afinal, o que é léxico; 2.2 Lexicologias; 2.3 Sociolinguística: Variação Lexical.

A seção III, intitulada “**Estão entre nós, mas quem são os ciganos?**”, destinou-se, especificamente, às questões que envolvem tal cultura, tratando acerca de suas origens, sua trajetória em nosso país e a relação entre a língua cigana – o romaní – e sua identidade, os seguintes subtópicos são os responsáveis por compor a seção III: 3.1 Origem da Etnia; 3.2 Ciganos no Brasil e 3.3 O Romaní e a identidade. A IV seção, **Os passos da pesquisa: Metodologia**, como o título sugere, ocupa-se da pesquisa em seu ponto metodológico e revela os procedimentos empregados para a realização dessa investigação. Está formado pelas subseções: 4.1 O projeto AliB; 4.2 Objetivos; 4.3 Localidade: A cidade de Jacobina; 4.4 Justificativa; 4.5 *Corpus*; 4.5.1 O questionário Semântico-lexical; 4.6 Informantes; 4.7 A Construção da Pesquisa.

Na seção V, **Análise dos dados**, coube verificar os dados obtidos a partir das respostas colhidas com a aplicação do QSL. Organizando os dados em grupos de frequência para que se possa discutir a variação encontrada no *corpus* estudado, aliada à descrição que os dicionários trazem para cada item lexical, para enfim verificarmos o que os dados nos revelam. São as subseções desta seção: 5.1 Cambalhota; 5.2 Bolinha de Gude; 5.3 Estilingue; 5.4 Pipa; 5.5 Pipa/Arraia; 5.6 Esconde-Esconde; 5.7 Cabra-Cega; 5.8 Pega-Pega; 5.9 Picula; 5.10 Chicotinho; 5.11 Gangorra; 5.12 Balanço; 5.13 Amarelinha; 5.14 O que os dados revelam?.

Assim, é através da pesquisa, que surgem questionamentos e discussões sobre o Léxico, além das relações desse com a língua, cultura e sociedade que faremos o registro da oralidade de um grupo, conhecendo as lexias de uma área semântico-lexical específica, empregadas por ele a partir dos seus significados, considerando primordialmente variáveis linguísticas de gênero/sexo e idade desses falantes.

Esta é, sobretudo, uma forma de contribuir para com a tarefa de descrever e conhecer parte do léxico do português brasileiro, além de possibilitar refletirmos sobre o nosso acervo linguístico, bem como do outro. Um trabalho desta natureza proporcionou, ainda, resguardar, valorizar e divulgar a história de vida, as crenças, os costumes, enfim a cultura do povo cigano por meio do acesso à sua realidade linguística, ainda que apenas de uma área semântica.

1. O LÉXICO E AS SUAS CIÊNCIAS

1.1 AFINAL, O QUE É LÉXICO?

Ao separarmos os elementos que fazem parte do nosso universo, nomeando, categorizando e diferenciando-os através de suas particularidades, recorre-se a um eixo da língua: o léxico. Este processo torna-se possível, porque o léxico corresponde ao conjunto de palavras de uma língua. Segundo Oliveira e Isquierdo (1998), podemos considerar as palavras enquanto uma ferramenta que possibilita que os sujeitos interajam e mantenham a comunicação no ambiente que estão inseridos; uma vez atribuindo significado às palavras, nos vemos diante de uma elaborada faceta que possibilita aos sujeitos que estes se comuniquem.

O homem é naturalmente apto ao domínio da linguagem, uma vez que é geneticamente preparado para isto por possuir uma aparelhagem física, psíquica e fisiológica totalmente direcionada a tal função. As línguas, por sua vez, seguem a vertente oposta, caracterizam-se como um elemento convencional, originando-se das necessidades que o grupo possui de se comunicar e, principalmente, de se fazer entender. Assim, as línguas surgem e se estabelecem considerando todos os fatores culturais pertencentes à determinada comunidade.

A comunicação é algo inerente ao ser humano, e a necessidade de interagir deixa perceptível quão relevante é o aprofundamento nesta área do conhecimento. A língua oferece ao seu falante inúmeras possibilidades de construções linguísticas, para que este possa, de modo autônomo, pôr em prática seu discurso, recorrendo ao que lhe for necessário para efetivar o ato comunicativo.

Para que possa comunicar-se, o sujeito apropria-se da língua e há, portanto, duas formas para tal: a primeira é pelo modo natural, através do contato proporcionado pelo ouvir e falar, como a criança em seu seio familiar; a segunda maneira é a artificial, como quando se aprende uma língua estrangeira, conhecendo sua estrutura por meio de gramáticas e dicionários. De acordo com a professora da universidade de Paris e redatora dos dicionários da série **Le Robert**, Josette Rey-Debove, estes são “os dois

componentes duma língua, para o quê nós dizemos léxico e gramática” (1984, p. 46).

Dicionários e gramáticas tratam do mesmo objeto – o léxico, ambos procuram analisar a língua a partir de sua estrutura, a fim de colaborar na construção e no entendimento das frases que podem ser produzidas no momento do discurso. Os primeiros têm o objetivo de apontar o efeito que o elemento pode causar numa frase e os segundos o efeito da frase considerando o emprego de determinado elemento.

Uma língua viva é terminantemente passível a mudanças, em todos os níveis, seja: fonológico, morfológico, sintático ou lexical. As alterações sofridas por este último são mais diretas e passíveis de observação, pois frequentemente palavras são incorporadas, enquanto que outras caem em desuso ou, mesmo aquelas consideradas arcaicas, retornam portando novos significados enquanto aqueles, outrora tão utilizados, perdem-se. É este processo de renovação que permite que uma língua permaneça em uso e, principalmente, viva, atendendo as necessidades comunicativas de seus falantes.

Se analisarmos uma determinada comunidade que possui um grau de civilização considerado avançado, verificaremos que a necessidade de dispor de palavras para nomear e se comunicar é bem maior do que aquelas comunidades que são vistas como menos desenvolvidas. Isso explica por qual motivo se tem visto modificações lexicais de forma tão frequente, em decorrência da velocidade com que as informações circulam e alteram os espaços, quanto maior o acesso à informação, mais conhecimento se tem e maior a necessidade de estabelecer a comunicação.

Léxico é um termo que advém do grego – *lexikón* – e corresponde ao conjunto de vocábulos de um idioma. Muitas são as definições apresentadas e as divergências enfrentadas pelos linguistas, todas são consideradas válidas ao passo que também são vistas como insuficientes. Cada língua tem a autonomia de eleger a definição que melhor se adequar às particularidades de suas unidades, porém independente de qual definição se aceite ou se dê para léxico este será, sempre, um “conjunto de unidades codificadas significativas” (REY-DEBOVE, 1984, p.52).

É o léxico o responsável por validar ou não a existência de alguma coisa, se não há um termo para fazer referência a algo, podemos dizer assim, que determinado elemento não existe. Tem, assim, a incumbência de tornar real e resguardar a cultura de um povo, Biderman (2001) afirma que, ao nomear, o homem classifica e torna real o que compõe a sua realidade, incumbindo ao léxico à função de registrar o conhecimento do universo. Afirma ainda Abbade (2006) que o léxico expressa o conhecimento, a história de seus falantes, tornando-a uma realidade, a existência histórica do homem estaria comprometida caso não existisse meio de expressá-la através de palavras, que, em conjunto, compõem o sistema lexical de um povo.

As línguas possuem em comum o fato de surgirem a partir da nomeação do universo, mas se distinguem uma vez que cada uma possui um sistema próprio, por serem constituídas a partir da cultura a qual representam. Uma vez que uma comunidade consegue nomear de forma categórica seres e coisas e tudo mais que faça parte de sua realidade, podemos considerar que há o processo de constituição do léxico de uma língua, a qual será a natural para aqueles indivíduos que terão a sua disposição uma gama de lexemas passíveis de uso, conforme seja a intenção dos interlocutores no discurso.

Desse modo, cada indivíduo emprega e compreende um determinado acervo de palavras e estabelece-se, assim, o que Genouvrier e Peytard nomeiam de léxico individual. Os autores apontam que “o léxico é o conjunto {} de todas as palavras que, num momento dado, estão à disposição do locutor. [...] as palavras que ele pode, oportunamente, empregar e compreender; constituem seu *léxico individual*”. (GENOUVRIER E PEYTARD, 1973, p. 279).

Reafirma-se que, as palavras que são, de fato empregadas nos momentos de fala, compõem o vocabulário do falante. Podemos pensar, portanto, de forma didática que há palavras que empregamos e outras que não costumamos fazer uso, caracterizando, desse modo, o vocabulário ativo e o vocabulário passivo. Aquele é composto por palavras que aplicamos no nosso discurso cotidiano e esse por aquelas que, embora conheçamos, não fazemos uso. Assim, cada indivíduo recorre às palavras que melhor se adequam à sua realidade e constroem de modo autônomo e independente o seu léxico individual.

No processo de criação e assimilação lexical, um fator exerce influência direta e incisiva: o elemento cultura. A associação entre língua e cultura, além de ser inevitável, é, também, indispensável, pois são os fatores culturais de um determinado povo que exercerão influência sobre os modos linguísticos do mesmo. Língua e cultura são indissociáveis, pois a cultura se difunde através da língua, e é a junção destes elementos que permite ao sujeito harmonizar-se em determinado grupo e, principalmente, constituir sua própria identidade. Desse modo, não há possibilidade de existir uma cultura sem língua, e o inverso também não se aplica.

Quando falamos em cultura é importante considerar que não há apenas uma cultura, mas sim “culturas”, pois cada comunidade recorrerá a símbolos distintos para representá-las. No final do século XVIII e início do XIX, deparamo-nos com um conceito de cultura que se relacionava intrinsecamente com o conceito de intelectualidade, criando a ideia de cultura maior e menor.

Cultura era, portanto, sinônimo de desenvolvimento e civilização. Assim uma cultura era posta em posição elevada em relação à outra que, muitas vezes, por não atender aos padrões, não era sequer considerada cultura. Tal conceito perde espaço no final do século XIX, e cultura passa a se ligar “à elucidação dos costumes, práticas e crenças de outras sociedades que não as europeias.” (THOMPSON, 2011, p. 170).

Esses costumes, práticas e crenças que compõem a cultura de uma comunidade é também o que compõe o universo cognoscível da mesma e dos indivíduos que a formam, desse modo, a necessidade de referir-se aos elementos citados é natural. Os sujeitos precisarão, então, criar significantes que possam representar os conceitos dos quais eles já têm domínio e, assim, neste processo quase que inconsciente, um léxico que compõe uma língua natural é, portanto, construído.

Na procura por interagir de modo eficiente, é preciso não apenas conhecer os elementos linguísticos para que se possa construir mensagens, mas é necessário que os sujeitos partilhem do mesmo conhecimento cultural, do contrário, as mensagens pretendidas podem não ser devidamente interpretadas por falta de conhecimentos extralinguísticos. É certo, por exemplo, que o léxico individual de um senhor do interior do sudeste brasileiro, é distinto do de um jovem natural de uma capital do norte do país. A

comunicação entre tais indivíduos ocorrerá, porém ambos sentirão que são melhores entendidos em suas comunidades de origem/falantes, pois é natural que se compreenda “melhor as pessoas de sua região, de sua idade, de seu meio social e profissional que as outras” (REY-DEBOVE, 1984, p. 52).

Ao se assimilar uma língua, não se está incorporando apenas sua estrutura, mas também todas as suas características interiores, provenientes do ambiente no qual a língua surgiu e as características do ambiente no qual o sujeito estava exposto para assimilá-la (região, estrato social, tempo histórico, dentre outra), é preciso levar em conta questões como sexo/gênero, idade, religião, escolaridade, posto que tais fatores influenciam incisivamente na formação identitária de um sujeito. As práticas, os costumes e a língua são elementos responsáveis por fazer com que o indivíduo não apenas construa sua identidade, mas sinta-se parte integrante do ambiente onde se encontra.

Cada grupo assume o léxico que melhor lhe convém para representá-lo, constituindo suas identidades e ocupando os espaços os quais julgarem que devem e, por fim, farão uso da língua que lhes é materna, sendo impossível que a língua de qualquer outra comunidade, mesmo que socialmente tenha maior valoração, atenda às suas necessidades interacionais através da fala/escrita.

1.2 LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Buscando ainda o devido reconhecimento perante os estudos linguísticos, a lexicografia e a lexicologia analisam o léxico de modo distinto. A lexicografia é uma disciplina que desperta a atenção de muitos estudiosos, haja vista ser é uma ciência especialmente antiga e tradicional, caracteriza-se pela construção dos dicionários, ocupando-se de descrever o léxico elencando o significado das palavras.

O dicionário carrega em si a função de registrar as palavras de uma norma vigente na sociedade, apresentando não apenas seus significados padrões, mas também a classificação gramatical, etimologia, separação silábica, informações sociolinguísticas, e até as significações já enraizadas pelo uso, por exemplo, em dadas regiões, entre outros.

Embora a lexicografia possua maior visibilidade, a lexicologia também possui papel relevante no que diz respeito ao estudo do léxico de uma língua, “a lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais” (ABBADE, 2006, p. 219). Esta ciência possui três eixos de estudo: a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Estes eixos são pouco explorados pelos linguistas, tamanha é sua complexidade.

É muito difícil fazer-se uma descrição coerente do conjunto do léxico, na medida em que se considera o mesmo como um sistema. Pode haver limites nos sistemas fonológicos ou gramaticais. Mas estabelecer um sistema lexical, devido ao seu caráter empírico, é algo que pode parecer sempre impreciso e inconcluso. (ABBADE, p. 2006, p. 220)

A lexicologia tem, assim, a responsabilidade de definir e identificar uma palavra, o que não é tarefa simples como aparenta, por a palavra ser capaz de gerar uma infinidade de significados. Assim, tal ciência “estabelece critérios de identificação das unidades lexicais, os quais podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos” (NUNES, 2006, p. 150).

Ao se dedicar a descrever o léxico, esta ciência se envereda pelo estudo do significado das palavras, relacionando-se com outro campo, o da semântica, atinge portanto outros ramos que lhes dão subsídios para pesquisar cada eixo do plano lexical. Evidenciaremos, aqui, dois desses ramos que lidam com o significado em direções opostas: a semasiologia e a onomasiologia.

A semasiologia é uma disciplina semântica que, obviamente, ocupa-se do estudo do significado. Segundo Bechara (2009, p. 55), em **Moderna Gramática Portuguesa**, a semasiologia corresponde ao “estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo”.

Assim, a semasiologia parte da palavra para os vários conceitos que a mesma pode compreender. É fácil visualizar um estudo de caráter estritamente semasiológico quando nos deparamos com um dicionário comum, o qual nos apresenta palavras organizadas em ordem alfabética, seguidas de seus respectivos significados: para o significante “manga”, podemos encontrar alguns significados: “parte do vestuário que cobre o braço”, “fruta da mangueira”, “pastagem cercada, para cavalos ou bois”.

A onomasiologia, por sua vez, também estuda o significado, porém em direção oposta à semasiologia. Uma vez tendo em mãos apenas o conceito de algo é preciso investigar para que se possa saber e registrar como tal conceito se expressa por meio da palavra, a isto se denomina onomasiologia. A onomasiologia é o estudo que parte da ideia para o significante o qual lhe representa.

Por meio deste estudo semântico, é possível verificar como significados podem ser representados por significantes diferentes. Este fato não é predominante apenas quando comparamos línguas distintas: “*car*” e “carro”, em inglês e português, respectivamente, para referir a “veículo de rodas para transportar pessoas ou carga”, mas é comum que, numa única língua, um mesmo conceito corresponda a palavras variadas: em português, é possível encontrar para o conceito “aquele que economiza em excesso”, os significantes: “miserável”, “avarento”, “mesquinho”, “sovina”.

Se pensarmos que a língua é um sistema, porém aberto, não fechado e nem homogêneo como defenderam muitos, saberemos que o léxico também se compreende como um sistema aberto e modificável. Assim, categorizá-lo não é tarefa simples, para tal “pode-se começar modestamente por estabelecer sistemas parciais que poderão ser organizados posteriormente em outros sistemas mais complexos” (ABBADE, 2006, p. 220).

1.3 SOCIOLINGUÍSTICA: VARIAÇÃO LEXICAL

Na língua, nada nunca é propriamente novo, são as situações insurgentes que exigem um remodelamento do que já existe, desse modo, há para os falantes maiores possibilidades de construções linguísticas, pois estes terão mais mecanismos para construir seus discursos. A variação lexical se dá neste cenário heterogêneo que é a sociedade, quando uma mesma realidade pode ser exposta de maneiras distintas, sendo dependente apenas das escolhas linguísticas – conscientes ou não – do sujeito.

À medida que considerarmos o léxico como ferramenta imprescindível à relação entre o falante e o meio em que esse vive, torna-se passível o

entendimento da variação lexical, uma vez que cada indivíduo está inserido em culturas, espaços e possuem vivências e conhecimentos distintos e mutáveis.

Comum a todas às línguas, a variação é um fenômeno natural e pode possuir natureza fonética, morfológica ou sintática, semântica, lexical, discursiva, e assim originar formas linguísticas distintas para referir-se a uma mesma realidade. A variação lexical também se dá neste misto comunicativo, em que uma mesma realidade ou conceito é designado por lexias diferentes, é o falante em seus atos de comunicação que, inconscientemente ou não—considerando o contexto de fala em que o mesmo se encontra – determinará a palavra a ser empregada.

A língua é entendida enquanto o código utilizado para que as pessoas possam estabelecer seus atos de fala, entendida assim, como um sistema único, responsável por constituir a comunicação entre os indivíduos. Diante das inúmeras conceituações de diferentes linguistas, pode-se notar que não se chegou a um conceito único acerca desse termo, mas para desenvolver este trabalho elegeu-se o que Nasi aponta enquanto língua, que é “[...]um sistema: um conjunto organizado e opositivo de relações, adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens”. (NASI, 2007, p. 2 *apud* LIMA, 2003, p.5).

Desse modo, a língua é tida como um código social, necessário à efetivação da comunicação, assim conhecer e fazer uso do mesmo código linguístico torna-se preciso. É importante frisar,entretanto, que ao se referir a um uso de um mesmo código, faz-se menção ao conhecimento que os sujeitos devem ter sobre um mesmo idioma e não sobre uma mesma maneira de falar para todas as pessoas.

Toda língua está sujeita a interferências que a modifique. Tais mudanças são causadas pelas alterações que a sociedade, a qual esta língua representa, sofre ou causa. Estas alterações linguísticas despertaram o interesse de estudiosos, que as atribuí credibilidade e importância, passando a estudá-las e analisá-las, o que não ocorria no Estruturalismo, que descartava o efeito causado pelo social na língua.

Foi a partir da Sociolinguística, área científica criada dentro da linguística, que o quadro se alterou. Em 1964, precisamente na Califórnia,

William Bright, norte-americano e importante especialista na área, em um congresso, organizado pelo mesmo, propõe que se deveria

[...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade, sendo o seu objeto de estudo a diversidade linguística. (BRIGHT, 1966, p. 34 *apud* MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 28).

O evento da diversidade linguística não é um fato novo. Sabemos que nosso idioma, o português brasileiro, constituiu-se a partir da colonização do Brasil por diferentes sujeitos pertencentes a comunidades e culturas distintas, o apagamento de suas raízes e memória social seria algo impossível e que, claro, não ocorreu. Assim, várias heranças foram permanecendo e resultando numa língua extremamente rica e que possibilita aos seus falantes empregá-la de maneiras diversas. As situações de modificações sofridas pela língua estão intimamente relacionadas às questões sociais e culturais, as quais, se sabe, detêm um papel de extrema relevância na língua de qualquer povo.

Willian Labov foi o linguista que mais insistiu vigorosamente na relação existente entre língua e sociedade e na relevância de estudar as variações próprias da língua utilizada pelas comunidades, pois as variantes linguísticas são nada mais do que “as maneiras de dizer as mesmas coisas em um mesmo contexto, tendo o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1986, p.7). A proposta das pesquisas sociolinguísticas é, justamente, identificar e estudar essas variações, mesmo não sendo uma tarefa fácil estabelecer a relação social e linguística, posto que não haja um consenso acerca do modo de tratar a relação linguagem e sociedade.

Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região, classe social, faixa etária, sexo/gênero, dentre outras. Diante de uma perspectiva mais geral, para tornar simplificados os estudos, pode-se descrever as variações linguísticas a partir de três parâmetros básicos: a variação diatópica, diastrática e diafásica. A primeira está ligada à variação recorrente entre sujeitos de origens geográficas distintas; a segunda está diretamente ligada à identidade dos falantes e a organização sociocultural da comunidade de fala: escolaridade, poder aquisitivo, dentre outras; e a última, refere-se à comunicação de forma geral, ou seja, é a situação na qual decorre o processo comunicativo que determinará o modo de fala a ser empregado. No entanto,

não deixamos de reconhecer as variações diacrônicas/ sincrônicas, diageracional, diagenérica, entre outras.

Para que a linha de pesquisa proposta por Labov possa ser colocada em prática, o pesquisador dispõe de uma dicotomia para analisar a língua ao longo do tempo: a sincronia e a diacronia. Assim para a pesquisa acerca de certo evento linguístico, em um determinado recorte de tempo, denomina-se sincronia; ao passo que a situação linguística analisada em vários momentos de fala pelo tempo, denomina-se diacronia. (TARALLO, 1986)

O fato linguístico é o objeto primordial de análise em uma pesquisa sociolinguística. A língua observada na pesquisa é aquela usada na comunicação entre sujeitos nas situações naturais de fala, material básico para a análise linguística; a linguagem mais propícia para a coleta é aquela utilizada em momentos de distrações, em situações corriqueiras, nas quais os falantes não estão a se policiar, sentem-se a vontade e encontram-se distante de algo que, de alguma forma, os constranja; assim, a linguagem não estará monitorada.

A seleção da comunidade em que ocorrerá uma pesquisa dessa natureza também é de suma importância, por isso o pesquisador tem de tomar o máximo de cuidado para não influenciar, de alguma maneira, os informantes, principalmente, por se tratar de uma pesquisa de ordem linguística, por isso em nenhum momento o entrevistador deve citar tal ordem, a fim de evitar que o falante pense em como falar, “contaminando”, assim, o resultado da pesquisa.

Em todas as comunidades, as variedades linguísticas sobrepõem-se. Em nossa língua, a variante de prestígio é a denominada norma culta do português. O emprego da variante, culta ou não, demarca como o sujeito é visto socialmente, logo, vê-se refletir o poder e a autoridade nas relações econômicas e sociais exercidas pela língua e pelo modo como aquela é empregada por seus usuários. É possível observar que ainda há uma estigmatização acerca da variante que o falante emprega em seus atos reais de fala. A pesquisa sociolinguística tenta, justamente, esclarecer essas diferenças, sem condenar nem uma nem outra variante.

2. ESTÃO ENTRE NÓS, MAS QUEM SÃO OS CIGANOS?

A humanidade, em seus primeiros passos, viu na organização em grupo uma forma de garantir sua sobrevivência. Naturalmente, nesses grupos, iam se formando características que lhes serviam para diferenciar-se dos demais, fossem essas características comportamentais, gestuais, religiosas, gastronômicas, entre outros possíveis elementos. Assim, cada grupo, quase que involuntariamente, criava, ou adotava, os costumes e elementos que melhor se adequassem e atendessem às suas necessidades. Os sujeitos, integrantes desses coletivos, constituíam suas identidades a partir de tais elementos, sentindo-se pertencentes, deste modo, àquele ambiente.

Essa estratégia, claramente, não ficou no passado, mas é parte de toda e qualquer civilização: a escolha dos elementos que compõem a cultura, a qual será responsável por representar um grupo, caracteriza-se como primordial para a formação do mesmo. Assim, é possível concluir que cada comunidade possuirá o seu acervo, uma vez que as necessidades serão distintas, exigindo que os indivíduos adquiram soluções, também, distintas para supri-las, e é, desse modo, que se revela a diversidade cultural.

Se cada povo possui seu modo próprio de organizar-se e identificar-se dentro e, principalmente, fora de sua comunidade, torna-se fácil compreender que não há unidade, mas sim pluralidade cultural, uma vez que a

[...] cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA; SILVA, 2006, p. 01).

Para os estudos antropológicos não há cultura melhor ou maior, mas esta é construída socialmente. Desse modo, cada época ou lugar possuirá símbolos, regras, crenças distintas que serão responsáveis por atender às necessidades de determinada coletividade. Apesar disso, ainda hoje, é comum se perceber o enaltecimento de uma prática cultural em detrimento de outra. Povos são classificados como “evoluídos” ou “primitivos” de acordo com o modo como se relacionam, falam, vestem-se ou cultuam suas divindades, tais comparações desrespeitam o lugar do outro e sua história. Desse modo, lançar

olhares e, principalmente, juízos de valores sobre uma cultura a partir da história e desenvolvimento de outra, tida enquanto melhor, é um erro que há muito se perpetua e culmina em preconceito e, algumas vezes, na discriminação/perseguição de muitos povos, como aconteceu com os ciganos, indígenas, africanos, para citar alguns.

Não há sociedade humana que não possua cultura e é esta a responsável por fazer com que os homens agrupem-se e adaptem-se ao meio onde vivem. Não há melhor exemplo de agrupamento e adaptação a diferentes ambientes do que o povo cigano, que possui como uma de suas maiores características o nomadismo.

Sempre vistos de modo pejorativo e estereotipados, foram descritos no dicionário de Padre Blateau, no século XX, como uma

Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egito, e pretende conhecer de futuros pelas rayas, ou linhas da mão; deste embuste vive, e de trocas, e baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairro juntos, tem alguns costumes particulares, e uma espécie de Germania com que se entendem. (...) Cigano, adj. que engana com arte, subtileza, e bons modos. (BLATEAU, 1712, p. 311 *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 7)

Entre os séculos XIV e XV, os ciganos se dispersaram por todo o mundo, passando a ter de viver e conviver com culturas distintas da sua. Naturalmente, cada grupo cigano ia remontando-se de acordo com as suas necessidades e assim, por mais parecidos que fossem, cada grupo mantinha suas peculiaridades. Entretanto, a preponderância de um fator foi decisivo para que todas as organizações ciganas se mantivessem unidas, a língua. O romanês ou, como é chamado por muitos, romaní, é o idioma cigano, uma língua utilizada apenas na oralidade, mas é através dela que os mesmos são reconhecidos como ciganos e para eles sua língua é também sua pátria. (PEREIRA, 2009).

Mesmo sendo um povo que há tempos mantém seus peculiares hábitos culturais, o preconceito ainda é uma realidade para as comunidades ciganas, que são estereotipadas em virtude de seu comportamento, suas crenças, atividades comerciais, dentre outros. O preconceito parte não apenas das comunidades não ciganas, que veem enquanto negativo tudo aquilo que

destoa de seus padrões sociais, mas também por parte de alguns estudiosos, que acreditam que os ciganos não podem sequer ser considerados como um povo, por não possuírem unidade política, bem como, leis escritas.

Ao usarmos o termo “cigano” estamos nos referindo aos mesmos de forma generalizada, aos olhos dos não ciganos todos os grupos são iguais. Na verdade, o que poucos sabem é que há, dentro desses grupos, uma imensa diversidade. É importante que se destaque também que o termo em questão não se refere à pessoa, mas sim, ao grupo que, por possuir determinados costumes caracteriza-se enquanto cigano.

Para que possamos discutir acerca de tais comunidades, faz-se imprescindível que se considerem os costumes culturais que compõem este meio, buscando conhecê-lo melhor, a fim de que a história cigana não seja prejudicada pela intervenção de terceiros que assumem o papel de relatar e/ou pesquisar essa cultura. O trato que se dá às informações colhidas é responsável por determinar o modo como a comunidade verá qualquer pesquisa que a tenha enquanto objeto a ser estudado.

Quando a carga ideológica, daquele que pesquisa, contamina negativamente o estudo, os investigados tendem a acreditar que abrir suas barracas para pesquisadores representa um perigo à sua cultura e ao seu povo. Uma vez que tais pesquisas que os tenha enquanto objetos de estudo, podem representar o comportamento de repressão, crítica e de atribuição de um juízo de valor à sua cultura, e, em virtude disto, os mesmos nem sempre concordam em relatar aos pesquisadores tudo o que, de fato, acontece em seu meio. Logo, afirma Pereira (2009, p. 18) que “o descrédito dos ciganos, de uma maneira geral, em relação às pesquisas e trabalhos científicos dos *gadjé*², baseia-se na alegação de que, por trás dessa literatura, há sempre, uma tentativa de repressão, aculturação”.

2.1 ORIGEM DA ETNIA

De origem incerta, muitas são as dúvidas acerca de qual local os ciganos são oriundos. Um dos motivos que dificulta conhecer o passado deste

² Em romaní, o termo *gadjé* significa aquele que não é cigano.

povo é, às vezes, a não existência de uma quantidade considerável de documentos e registros que notifiquem sua história. Isso se deve ao fato dos ciganos serem ágrafos e de permanecerem em constante mudança, mesmo que (nas últimas três ou quatro décadas) já existam comunidades adeptas ao sedentarismo, o nomadismo foi a marca maior dos ciganos, e o que influenciou o surgimento de tal lacuna histórica.

Egito, Grécia, Índia, são alguns dos países comumente citados enquanto berço desses grupos. Quando questionados sobre suas origens, tendem a se reconhecerem como descendentes de antigos egípcios, perpetuando uma história de que seus antepassados não deram abrigo à Virgem Maria e sua família quando fugiam e, em consequência disto, foram obrigados a peregrinar sem ter um lugar para chamar de pátria (PEREIRA, 2009). Foram ainda tratados por turcos e descritos como pedintes desconhecidos e de índole duvidosa, eram assim considerados por não possuírem moradia fixa. Desse modo, ninguém os conhecia e não podiam atestar que eram honestos.

Em se tratando de origem cigana, é importante compreender que esses grupos se constroem na diversidade, ou seja, não são todos iguais e, por isto, não podem ser vistos de modo generalizado. Acredita-se que os grupos ciganos tenham suas primeiras aparições na Índia ou no Oriente Médio, onde hoje se localiza o Iraque. Sabe-se que se deslocaram, em seguida, para o continente europeu, de onde se dispersaram para outros continentes. No Ocidente, portanto, os ciganos foram divididos em três grandes grupos: Rom, Sinti e Calon.

O grupo Rom é o mais numeroso e está distribuído por muitos países dividido em subgrupos, vincula-se à Europa Central e a partir do século XIX migrou para o leste europeu e América. Os Sinti tem maior número na Alemanha, Itália e França, já os Calon sofreram alterações culturais após o contato com povos ibéricos, já que encontravam-se em grande número na Península Ibérica e de lá migraram para outros países europeus, além do continente americano.

2.2 CIGANOS NO BRASIL

Desde o período de colonização no Brasil, foi perceptível a diversidade de povos que vieram para o país. Tal diversidade é nitidamente observada na atualidade, principalmente no que diz respeito à cultura, pois nosso país apresenta uma diversidade cultural muito grande, reflexo do período colonial. A história dos ciganos no Brasil teve início em 1574, vindos de Portugal, país onde se concentrava uma grande quantidade dessa população, foram os grupos Calon e Rom, os que tiveram um maior número identificado no país em meados do século XIX.

Fontes documentais de Portugal indicam que os primeiros ciganos a migrarem para o Brasil, não vieram por vontade própria, mas porque foram expulsos, muitos eram perseguidos e até condenado às galés – embarcações de guerras que funcionavam como prisões com trabalhos forçados apenas pelo fato de serem ciganos e apresentarem costumes distintos. O primeiro cigano a chegar ao Brasil foi João de Torres, isso aconteceu após ter sido condenado à morte, acredita-se que o mesmo tenha subornado pessoas para poder conseguir ser deportado para o Brasil juntamente com sua família, em vez de ir para as galés.

A deportação oficial de ciganos para o Brasil teve início mesmo a partir de 1686, de acordo com dois documentos oficiais de Portugal, em que diziam que “os ciganos deveriam ser degradados principalmente para o Maranhão” (TEIXEIRA, 2008, p. 8), pois o objetivo da coroa portuguesa era afastar os ciganos da área de mineração em Minas Gerais e dos portos da colônia, sendo preferível que os mesmos ocupassem a área dos sertões, onde ainda viviam muitos indígenas seria então

[...] como uma forma de expor publicamente sua determinação João V ordenou a deportação imediata de uma pequena comunidade cigana consistindo de cinquenta homens, quarenta e uma mulheres e quarenta e três crianças, então detidos na prisão municipal de Limoeiro. Seu banimento foi um procedimento cuidadosamente planejado, servindo como um ato de Estado. A justiça do início do período moderno era praticada de uma forma deliberadamente cerimonial. Oficiais publicizavam o evento antes através de anúncios boca a boca ou públicos. Nesse caso o embarque do navio brasileiro, que sempre atraía grandes multidões, forneceu o palco. A visão dos ciganos partindo acorrentados demonstrava para os

espectadores o esforço da coroa pelo controle social. Isso é a publicação dos banimentos subsequentes assinalavam, sem dúvida, que a assimilação não era mais uma opção dos ciganos para escapar de seu status criminoso. (DONOVAN, 1992, p. 38 *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 16.).

Com a deportação de muitas pessoas da população cigana para o Brasil, muitos deles passaram também a comercializar escravos de segunda mão por várias partes do interior do país e muitos acreditavam que esses escravizados eram roubados. No entanto, essa comercialização gerava lucros, o que fez com que a coroa tivesse uma maior aceitação para com este serviço que, conseqüentemente, contribuía financeiramente para a coroa, pois muitos até patrocinavam e participavam das festividades da corte.

Contudo, ao final da década de 1820, os ciganos viram esse prestígio entrar em declínio, até se desfazer por total, em virtude dos movimentos políticos pela independência e pelo

[..] crescimento de importância da ideia de modernização e civilização dos costumes junto as elites brasileiras, que pretenderam estabelecer um reordenamento físico das cidades, higienizar as vias públicas e excluir dos centros urbanos todos os indivíduos, que não se adequaram a nova ordem. (TEIXEIRA, 2008, p.8)

Os ciganos, portanto, faziam parte dessa inadequação à sociedade da época. Com não mais a escravização dos ciganos, os grupos dos mesmos que interessavam a coroa e tinham algum reconhecimento porque traziam lucratividades, já não interessavam mais, sendo considerados pelos demais como sujeitos “diferentes”; e assim, tornaram-se alvos de repressão. O processo de “civilização” tinha como base fundamental expulsar os ciganos das cidades que habitavam, como ocorreu em Minas Gerais, local de maior concentração, onde viviam, desde a ascensão positiva, frente à coroa portuguesa.

Com a condenação da escravização no Brasil, os poucos ciganos que ainda insistiam na comercialização de escravizados mudaram de ramo, passaram a comercializar, dentre outras coisas, cavalos e mulas, o que resultou numa redução do número da população cigana no país, principalmente em 1888 quando se aboliu oficialmente a escravatura no país. Dessa maneira, ocorreram nos “ fins do período Imperial até os primeiros anos de instalada a

República no país, inúmeras diligências policiais no encalço de bandos ciganos em Minas Gerais, que resultaram em sangrentos confrontos” (TEIXEIRA, 2008,p.8), eventos estes, relatados pela imprensa e relatórios policiais no período de 1892 e 1897.

Acredita-se que esses confrontos eram resultantes de furtos ou roubos, uma das alternativas restantes à manutenção da sobrevivência. Provocou-se a partir de então a dispersão dos ciganos para outras regiões do país, além de Minas Gerais, onde se concentrava a maior parte destes.

No entanto, os ciganos não foram vistos como ladrões apenas após a abolição da escravatura, mas mesmo antes, quando muitos deles comercializavam escravizados, julgava-se que eles comercializavam escravos roubados e parte do que de mal acontecia era atribuído aos ciganos. De um modo ou de outro sempre eram culpados por alguma coisa. Não escaparam da culpa de transmitir doenças, inclusive, a eles foi atribuída à epidemia de rubéola que aconteceu no país. Tais acusações não tiveram origens no Brasil, mas em Portugal, quando os mesmos foram deportados, segundo as autoridades, também por estas razões.

Os ciganos que conseguiram acumular alguma riqueza, principalmente os que residiam no Rio de Janeiro – maior concentração de ciganos com maior poder aquisitivo – passaram a se considerar brancos para propagar uma imagem que, para a sociedade da época, era a adequada, evitando assim que suas origens não atrapalhassem seus negócios, uma vez que os ciganos eram considerados trapaceiros e alvos de desconfiança e preconceitos.

Em meados do século XIX, tentou-se fazer um levantamento da quantidade de ciganos no país, no entanto as informações encontradas eram muito vagas. Nesse período, foram encontrados em Minas Gerais muitos ciganos nômades vagando por todo o estado. Na Bahia, encontravam-se números menores de ciganos, porém estes já sedentários, vivendo em pequenas barracas em terrenos. Muitos dos ciganos já eram vistos enquanto trabalhadores e honestos, exercendo diversas atividades, principalmente, a da agricultura, o que não permite dizer, que o preconceito tenha se extinguido, pois muitas acusações ainda eram feitas.

Os dados históricos sobre os ciganos no Brasil são relativamente escassos e muitas das informações apresentadas são incertas (corroborando

com sua origem e chegada ao país), contudo o que se pode afirmar é que os poucos registros e relatos existentes são apenas de dados depreciativos acerca dessas comunidades como, por exemplo, o fato de os mesmos serem considerados ladrões.

A imensa diversidade de culturas existentes no Brasil aquece o cenário de discussões acerca de tal temática. Por sua forte presença no território brasileiro, cada vez mais a cultura cigana tem ganhado espaço e sido foco de estudos antropológicos e, como no caso específico dessa pesquisa, linguístico. O quadro, claramente, não era este. Por anos, ciganos não possuíam nenhum olhar da sociedade voltado para si. Apenas a partir do ano de 2009, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em suas pesquisas sobre informações básicas municipais, inseriram uma pergunta acerca da existência ou não de acampamentos ciganos, bem como questões relacionadas à implantação de políticas voltadas à essa população.

O estado da Bahia, segundo pesquisas do IBGE – ainda referentes a 2009 – ocupava a primeira posição no que diz respeito à presença de famílias ciganas em seu território. Em 2011, caiu à segunda posição, perdendo para o estado de Minas Gerais. No entanto, mesmo possuindo um grande contingente cigano por todo o estado baiano, não havia qualquer tipo de projeto destinado a tal população, diferente de outros estados que, através de políticas e ações, buscavam oferecer dignas condições de vida aos mesmos, dedicando, inclusive, áreas para que grupos ainda adeptos ao nomadismo pudessem formar acampamento (COSTA; RIBEIRO; VASCONCELOS, 2013).

2.3 O ROMANÍ E A IDENTIDADE CIGANA

Embora, aos olhos dos gajões (nomenclatura muito utilizada pelos ciganos para se referirem aos não-ciganos), os grupos ciganos pareçam mantenedores de uma unidade não fragmentada, conhecer tal cultura proporciona descobrir justamente o inverso. Como já fora apontado anteriormente, os grupos ciganos dividem-se em grupos muito influenciados pelas práticas laborais que desenvolvem. Essa divisão faz com que adotem

costumes distintos e peculiares e, principalmente, é responsável pelo modo como cada um assumirá sua identidade cigana.

Desde as primeiras manifestações da cultura em nosso país, e em vários outros, a imagem do cigano sempre esteve rodeada de estereótipos negativos. Considerados sujos e imorais, além de serem rotulados como naturalmente perigosos, sempre foram vistos pelos não-ciganos como uma ameaça a sua organização, uma vez que os ciganos não atendiam e ignoravam o que era imposto como correto a ser seguido. Assim, com características fortes que vão desde as suas vestimentas até a fala, identificar alguém como cigano nunca foi uma tarefa muito difícil para nós, os gajões, porém definir-se cigano e identificar-se como tal já não corresponde a uma tarefa tão simples.

Em se tratando de identidade cigana, há um misto de elementos que corroboram para a sua constituição. Dentre as atividades mais fortes desenvolvidas por ciganos e que corresponde a um meio de afirmação para os mesmos, está a negociação: vendas e trocas de animais e demais objetos, além da comum agiotagem. Em virtude disto, muitos ciganos, homens, desenvolveram e aguçaram seu poder argumentativo. Neste sentido, o poder de convencimento é uma forma de ser reconhecido perante os demais do seu grupo.

A união é também uma forte marca cigana, um homem ou mulher cigano não representa apenas a si, mas a todo o grupo a que pertence, portanto se alguém tem algum problema é dever do grupo auxiliar a busca pela resolução. Na contramão disto, atitudes negativas tomadas por um único componente do grupo são responsáveis por “manchá-lo” por completo, ou seja, se um cigano rouba, perante os não-ciganos, todo cigano também rouba.

Ser cigano representa, antes de tudo, preservar os costumes e perpetuar tal cultura; às mulheres é destinada tal função quando assumem as responsabilidades do lar, cuidando da casa e, principalmente, educando os filhos de acordo com os preceitos ciganos, a fim de que não se desliguem e saibam a importância de manter-se fieis à etnia.

A figura feminina, na cultura cigana, é marcada por um misticismo (devido a leitura de mãos ou cartas para conhecimento do futuro por algumas delas), além de carregar uma das marcas visíveis mais fortes: as vestimentas

diferenciadas da cultura não-cigana. Extremamente peculiares, as vestimentas são adotadas pelas meninas após a primeira menstruação, é a partir deste momento que já são consideradas aptas ao casamento, usar tais roupas representa, para o universo cigano, a consumação da ideia de ser cigana.

Como em qualquer cultura, a língua é uma peça fundamental, pois corresponde a um patrimônio da comunidade a que representa. Uma língua, considerada oficial, é imposta, transmitida e legitimada por meio da educação, principalmente em espaços formais, nos dicionários, nas gramáticas, dentre outros meios. Assim, é por pertencer a um determinado território, o qual possui um sistema político e educacional legitimados, que línguas se tornam normativas, fazendo possível a comunicação e a educação por parte dos pais aos seus filhos, a fim de que se perpetuem seus costumes e se mantenha viva a religião, culinária, e demais elementos que compõem determinada cultura.

No entanto, existem situações em que uma língua é falada, mas não possui um território específico, tampouco organização política e seus falantes vivem dispersos por países variados mundo a fora, este é o caso do idioma dos ciganos. O romaní é, para os ciganos o que qualquer outra língua materna representa para seus falantes, um meio de afirmar-se e reconhecer-se onde quer que o sujeito falante se encontre. Devido não apenas ao caráter sedentário, mas às necessidades de comunicação para poderem, inclusive, realizar suas negociações, os ciganos adotam e falam a língua do lugar onde residem, porém sem desligarem-se da língua que os une e marca uma identidade própria.

Diferente da cultura não cigana, a educação formal para os ciganos foi pouco oportunizada, isso se deve a alguns fatores: primeiro o nomadismo que não permitia que as crianças cursassem devidamente o ano letivo; aos meninos, desde cedo era -lhes imposto a responsabilidade de aprender a arte de negociar junto ao pai, o que lhes fazia perder o interesse em frequentar escolas; as meninas, por sua vez, eram, e ainda são, educadas exclusivamente para o lar, e não lhes é incentivado que possuam autonomia, desse modo, não se vê na educação escolar serventia, e por isso, em muitos casos, são retiradas das escolas ainda na adolescência para evitar que se envolvam afetivamente com rapazes que não são ciganos.

Em virtude disto, o romani é, de modo geral, ensinado de pai para filho através da oralidade, possuindo basicamente duas funções: a primeira é alienar não-ciganos, fazendo com que estes não saibam o que se está sendo dito, e a segunda função é reforçar sua identidade, uma vez que o romani é uma língua utilizada apenas por ciganos. Deste modo, sendo uma língua exclusivamente da etnia cigana, essa cumpre o papel de afirmação, sendo vista pelos ciganos como a pátria que eles não possuem, pois é através de tal idioma que eles conseguem se aproximar.

4. OS PASSOS DA PESQUISA: METODOLOGIA

4.1 O PROJETO ALiB

Sendo o Brasil um país construído a partir da diversidade, é natural que a língua aqui falada também seja incisivamente influenciada por tal diversidade cultural. O convívio com essa diversidade despertou o desejo e a necessidade de desenvolver pesquisas direcionadas a tal aspecto dentro do português brasileiro, as quais poderiam ajudar de maneira significativa a se repensar, por exemplo, o ensino de língua materna, como também valorizar a diversidade linguística e melhor conhecer o português falado Brasil a fora

A realidade, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será menos horizontal que vertical. (TEYSSIER, 1987, p. 78 *apud* RIBEIRO, 2012, p.79)

Desde meados do século XIX, estavam se realizando estudos sobre as variações existentes na língua, inicialmente em outros países. Foi no início do século XX, que fora exposto o desejo de filólogos e linguistas brasileiros de estudarem o português falado no Brasil, desejo este muito aflorado em Antenor Nascentes, que defendia a criação de um Atlas Linguístico do Brasil, tendo sua importância ressaltada na segunda metade do século XX com o decreto baixado pelo governo brasileiro em 20 de março de 1952, o qual dizia que o principal objetivo da comissão de filologia era dar início à construção, de um

atlas, sendo promulgada a portaria para construção daquele em 26 de maio do mesmo ano.

Contudo, apesar do anseio e esforço por parte de grandes pesquisadores para que esse projeto pudesse ser iniciado e com o apoio oficial do governo brasileiro, muitos foram os impedimentos que inibiram o início da pesquisa. Dessa maneira, pesquisadores brasileiros (Silva Neto e Celso Cunha), que já vinham há algum tempo desenvolvendo estudos acerca do tema em questão, apresentaram nova proposta em um evento ocorrido no ano de 1957, em Lisboa. O evento tratava de estudos luso-brasileiros os quais propuseram a construção do Atlas Linguístico - Etnográfico do Brasil, que deveria ser feito por regiões “cada uma com o seu superintendente, ficando os superintendentes sob a direção de um técnico, havendo um órgão central supervisor, a Comissão de Filologia.” (NASCENTES, 1958, p.8).

A partir de então se passou a elaborar atlas regionais de diferentes locais do Brasil. O precursor desse trabalho foi o Atlas Prévio dos Falares Baianos, o qual foi publicado em 1963 e inaugurou a geolinguística brasileira, como apresenta os pesquisadores incentivadores da criação do atlas

Antenor Nascentes publica as Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil (1958 e 1961), Serafim da Silva Neto se empenha na criação de uma «mentalidade dialectológica», exortação que aparece na «Introdução» do seu Guia para estudos dialectológicos, Celso Cunha defende a realização de atlas regionais, reconhecendo a impossibilidade, naquele momento, de realização de um atlas nacional, e Nelson Rossi dá o passo inicial para a Geografia Linguística do Brasil com a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963). (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2009, p. 13, 14).

Só então, em 1996, foi que se iniciou, de fato, a construção do Atlas Linguístico do Brasil, impulsionado pelos atlas regionais já construídos e por aqueles em construção.

Em acordo com as pesquisas até então realizadas sobre os atlas regionais, acerca dos estudos dialetais brasileiros, e por iniciativa de um grupo de pesquisadores ligados à área da Dialectologia/Sociolinguística, retomou-se a ideia de elaboração de um atlas linguístico nacional, no que diz respeito à língua portuguesa. Oficialmente a ideia foi lançada no Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, o qual ocorreu em novembro de

1996, no Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia (doravante UFBA).

Neste momento, constituiu-se um Comitê Nacional que teria a responsabilidade de coordenar tal projeto. Esse comitê foi, e é dirigido e coordenado por membros representantes dos atlas das regiões que já tiveram seus atlas publicados, como também daquelas que ainda estão em andamento. Atualmente, o comitê tem como diretora a professora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, da UFBA.

Essa instituição caracteriza-se por ser a pioneira em abraçar e dar início a este empreendimento, contudo a pesquisa ganhou espaço em todo o país e despertou o interesse de pesquisadores e, atualmente, já são doze o número de universidades envolvidas no projeto. O projeto ALiB desenvolve pesquisas que abrangem as variações diatópicas, diageracional, diagenérica, diastrática, diafásica e a diarreferencial, com o intuito de revelar a realidade do português brasileiro em sua diversidade de usos. O projeto fundamenta-se na geolingüística contemporânea, buscando apresentar à realidade linguística do Brasil, com o objetivo de identificar, além das citadas anteriormente, diferenças no que tange as questões fônicas, morfossintáticas, e léxico-semânticas.

O Atlas já possui dois volumes, lançados em outubro de 2014, durante o terceiro congresso de Dialetoлогия e Sociolingüística realizado em Londrina. O primeiro volume contém a introdução e o segundo 159 cartas linguísticas com dados de 25 capitais da federação. Os resultados da pesquisa são apresentados através destas cartas linguísticas e estudos interpretativos sobre a mesma.

4.2 OBJETIVOS

Geral

- ❖ Verificar e analisar as lexias empregadas pela comunidade cigana para designar determinados jogos/brincadeiras infantis.

Específicos

- ❖ Observar as variações de significantes presentes no léxico cigano;

- ❖ Verificar a influência das variantes sexo/gênero e idade no emprego de determinados significantes;
- ❖ Acessar a realidade linguística da comunidade cigana, num recorte específico, registrando sua oralidade a fim de valorizar e divulgar sua cultura.

4.3 LOCALIDADE: A CIDADE DE JACOBINA

A cidade de Jacobina, também conhecida como Cidade do Ouro, está situada na região Noroeste do estado da Bahia, no Extremo Norte do Piemonte da Chapada Diamantina, a 330 km da cidade de Salvador, segundo dados do IBGE de 2015, Jacobina possui uma população estimada em 84.811 habitantes, tendo uma unidade territorial de 2.358,690 km², cercada por serras, morros, rios e belas cachoeiras.

De acordo com a escritora Doracy Lemos (1995)³ acerca da história da Cidade de Jacobina, a habitação da mesma se deu, inicialmente, pelos índios Payayás, pertencentes ao tronco dos índios Cariri e viviam espalhados por toda a Chapada Diamantina juntamente com outras diferentes tribos. Os indígenas dessa região resistiram por três séculos às investidas dos colonizadores, contudo tiveram o primeiro contato com homens brancos por volta dos anos de 1580 a 1590.

Uma vez tendo encontrado por estas terras grande quantidade de minério, o projeto era dispersar os índios Payayás da região de Jacobina. Assim, esses eram transferidos para espaços distantes das aldeias que viviam, levando-os para regiões diferentes e desconhecidas. Isolando-os, a dominação dos mesmos aconteceria com maior facilidade.

Os nativos eram vistos enquanto uma ameaça à exploração do ouro e a medida que os colonizadores adotaram para exterminar esses povos foi a promoção de conflitos entre tribos que acabavam guerreando entre si. Infelizmente não existem hoje, na região, quantidades significativas de indígenas, em virtude dos conflitos citados, contudo os mesmos deixaram sua

³ Doracy Araújo Lemos é jacobinense, professora e escritora. Escreveu o livro “Jacobina, Sua História e Sua Gente/ Memórias (1995)”, que exalta as belezas naturais, a história e a cultura jacobinense.

contribuição cultural para a cidade, a exemplo do topônimo que tem sua origem no vocabulário indígena e significa “campo aberto”.

A cidade de Jacobina teve sua povoação ocorrida através das descobertas das minas de ouro em princípios do século XVII, por bandeirantes e portugueses. Por volta de 1652, quando a mineração já ocupava 700 bateias⁴, com um aglomerado significativo de pessoas na região trazidas pela busca incessante de ouro fácil, foi iniciada também na região atividades de cultura agrícola e criação de gado.

Vindas de variadas regiões e adeptas de culturas distintas era relativamente grande a quantidade de pessoas que habitavam a localidade àquela época, atraídas pelas minas de ouro. Em princípios do século XVII, com o desenvolvimento de outras atividades, além da mineração, o pequeno lugarejo, tido como arraial, fora promovido à categoria de vila, mediante a Carta Régia de D. João V de 05 de agosto de 1720, com o nome de Vila Santo Antônio de Jacobina, sendo elevada a categoria de cidade apenas em 1880.

4.4 JUSTIFICATIVA

A cidade de Jacobina, primeiramente indígena, acolheu, ao longo dos anos, povos diversos, entre eles os ciganos. A escolha da presente localidade para o desenvolvimento da pesquisa se justifica por apresentar uma quantidade significativa de indivíduos pertencentes à cultura em questão. Com hábitos sedentários, a comunidade investigada ainda preserva a aglomeração de suas famílias, ou seja, moram próximos, em mesmo bairro e ruas. A comunidade escolhida adotou o bairro Catuaba como local definitivo de moradia.

A influência na escolha de tal localidade deu-se pelo fato de, apesar de sermos naturais de cidades vizinhas, estarmos frequentemente na cidade de Jacobina, o que fez desenvolver apreço e sentimento de pertença a tal ambiente, resultando num vínculo que fora sendo construído ao longo de todo o processo acadêmico, com pessoas desta cidade que nos acolheram de forma tão calorosa.

⁴Vasilha de madeira usada para garimpar ouro e diamante.

Ao adentrarmos à universidade, nossa formação pessoal passou por vários momentos de construção e desconstrução de conceitos já formados, tidos como verdade. Neste espaço aprendemos a ouvir o outro, desfazendo estereótipos estabelecidos pela sociedade acerca de, por exemplo, comportamentos culturais. Em consequência da liberdade de expressão que a universidade nos oferece para discutir questões várias, sensibilizamo-nos sobre a importância de se dar voz a sujeitos que são postos à margem da sociedade. Dessa maneira, aflorou-se o desejo em desenvolver uma pesquisa com a comunidade cigana da cidade de Jacobina.

Essa pesquisa acompanha o projeto de dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), de autoria da prof. Geysa Andrade da Silva, o qual se trata de uma pesquisa qualitativa, em que se objetiva documentar a variação das denominações de emprego mais geral ou outras específicas do conservadorismo e analisar não apenas no que concerne à variação diagenérica, diassexual e outros fatores extralinguísticos, mas também a diatópica, através de Questionário Semântico-Lexical (QSL), composto de perguntas específicas para analisar os itens abordados. Lembramos que a pesquisa de mestrado da professora orientadora da nossa pesquisa aborda quatro áreas semânticas, quatro cidades em dois estados nordestinos, contudo a nossa, por ser uma pesquisa menor, abordará apenas uma área: “jogos e diversões infantis”.

Resolvemos adentrar nesse estudo acompanhando a propulsora desse projeto, pois como a mesma coloca, essa pesquisa contribui para melhor conhecimento da realidade linguística brasileira, fornecendo dados significativos de itens lexicais usados pelo povo cigano na região, estrutura documentalmente essas famílias para auxiliar no formato de políticas públicas para os mesmos, promove ciclos de palestras em escolas e universidades locais para divulgação dos resultados voltados para políticas voluntárias de reconhecimento de especificidades culturais da etnia.

4.5 CORPUS

Trataremos a partir de agora dos passos dados na execução deste empreendimento. Nesta pesquisa, os dados foram colhidos exclusivamente em uma comunidade cigana que respondeu a perguntas do Questionário Semântico-Lexical pertencente ao ALiB, sobre a área semântica: “jogos e diversões infantis”.

4.5.1 QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

Os questionários utilizados para o desenvolvimento das pesquisas no tocante ao Atlas Linguístico do Brasil foi criado pelos membros do Comitê Nacional, no qual levaram em conta questionários dos Atlas regionais brasileiros já publicados, como também do Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza, mas apesar da criação do mesmo ter sido baseada nos citados anteriormente, passou, e vem passando, por muitas revisões e adaptações com o objetivo de adequar à necessidade que um projeto dessa natureza necessita.

Os questionários do Projeto, para inquéritos, estão organizados em três: QFF- Questionário Fonético-Fonológico (composto por 159 perguntas), QSL – Questionário Semântico Lexical (contendo 202 perguntas), QMS – Questionário Morfossintático (49 perguntas). Há ainda questões que se referem à pragmática, registro de discursos, perguntas que registram o nível de consciência linguística do falante e leitura de texto (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2013). Como se pode perceber, o Questionário do ALiB tem uma organização ampla, que pode abranger vastas linhas de pesquisa.

Percebe-se, no questionário, que para cada questão colocada é apresentada também uma reformulação prévia. O Questionário Semântico-lexical, (QSL), o qual utilizamos para a nossa pesquisa, não busca a realização de uma palavra específica, mas sim a variação lexical, pois a riqueza da pesquisa gira, principalmente, em torno das diferentes colocações registradas.

O QSL é constituído por 14 áreas semânticas apresentadas a seguir:

Quadro 1 – Áreas semânticas do QSL – AlIB

ÁREAS SEMÂNTICAS	Nº DE PERGUNTAS
1. Acidentes geográficos	06
2. Fenômenos Atmosféricos	15
3. Astros e tempos	17
4. Atividades agropastoris	25
5. Fauna	25
6. Corpo humano	32
7. Ciclos da vida	15
8. Convívio e comportamento social	11
9. Religião e crenças	08
10. Jogos e diversões infantis	13
11. Habitação	08
12. Alimentação e cozinha	12
13. Vestuário e acessórios	06
14. Vida urbana	09
TOTAL	202

Dentre as 14 áreas semânticas apresentadas anteriormente, escolhemos apenas uma delas para desenvolvermos a nossa pesquisa: a área semântica 10 “jogos e diversões infantis”, a qual é composta por 13 questões. A escolha desta área se deu, principalmente, por sua importância na formação social e cultural dos sujeitos. Abaixo, seguem as questões que compõem tal questionário.

Quadro 2 – Questões do QSL – AliB – Área Semântica “Jogos e diversões infantis”

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS		
Nº DAS QUESTÕES	ÁREAS SEMÂNTICAS /PERGUNTAS	ITENS
155	... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (inclinar o corpo para frente?)	CAMBALHOTA
156	... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	GUDE
157	... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinho?	ESTILINGUE
158	... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?	PIPA
159	É um brinquedo parecido com (item anterior), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina no vento, por meio de uma linha?	PIPA/ARRAIA
160	... o jogo(a brincadeira) em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procura-las?	ESCONDE-ESCONDE
161	... a brincadeira em que a criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	CABRA-CEGA
162	... um jogo (uma brincadeira) em que a criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?	PEGA-PEGA
163	... este ponto combinado?	PICULA
164	... um jogo (uma brincadeira) em que as crianças ficam em círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto com que perseguem o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo?	CHICOTINHO
165	... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças, enquanto uma sobe, a outra desce?	GANGORRA
166	... uma tábua pendurada por meio de duas cordas, para a criança se sentar e... (mímica)	BALANÇO
	... o jogo em que as crianças riscam no chão, formada por dez quadrados numerados, com um	AMARELINHA

167	céu e um inferno, e elas vão pulando com uma perna só?	
-----	--	--

4.6 INFORMANTES

Como ocorre em uma pesquisa de caráter sociolinguístico, após escolher o objeto a ser pesquisado, neste caso o léxico, selecionou-se a comunidade linguística a ser investigada, sendo este o diferencial da pesquisa. Outras pesquisas desenvolvidas pelo ALiB possuem o mesmo objetivo e já contemplaram comunidades do interior e de capitais.

Resolvemos adentrar em tal estudo, contagiadas pela riqueza de conhecimentos possíveis de serem construídos a partir do projeto de mestrado da professora orientadora e assim, sob sua orientação, passamos a seleção daqueles que nos forneceria os dados para a pesquisa, os informantes.

Na busca pela não inibição dos informantes, foi garantida que suas identidades não seriam expostas e que a pesquisa não possuía o objetivo de analisar como correto ou incorreto suas colocações linguísticas⁵. Segundo Tarallo (2007), um fator responsável por acarretar tal inibição, em alguns casos, é o instrumento utilizado para gravação dos inquiridos, o gravador digital que é uma ferramenta necessária ao registro dos dados obtidos durante as entrevistas. Os informantes apenas sentem-se desinibidos após terem conhecimento de que aquele nada mais é do que um suporte de trabalho e que nada do que ali estiver registrado será exposto de forma indevida. Assim, quanto mais à vontade os informantes se sentirem, mais se torna possível o emprego de uma variante espontânea.

Selecionar os informantes para uma pesquisa não é tarefa simples para pesquisador algum. O acesso aos informantes em questão seria, a certo modo, diferenciado e requereria um trato especial, uma vez que, por serem ciganos, possuem uma organização distinta, além de um olhar receoso sobre os não ciganos. Deste modo, o primeiro desafio seria, de fato, adentrar à comunidade e fazer com que estes aceitassem o papel de informantes. Como sugere Tarallo (2007), recorreu-se inicialmente a alguém que fosse capaz de mediar o

⁵ Como exposto na introdução desse TCC, a pesquisa está em observância a resolução CNS 466/2012 por envolver seres humanos.

contato, neste caso, um professor, filho do patriarca e respeitado pelos demais da comunidade, que facilitou o contato com o patriarca e transmitiu confiança ao grupo, o que resultou na aceitação da pesquisa.

Feito isto, juntamente com a professora pesquisadora, proponente da pesquisa, passamos, sob o acompanhamento e orientação da mesma, a selecionar os informantes, de fato. É importante ressaltar que na montagem do perfil do informante foram escolhidas duas variáveis sociais: idade e sexo/gênero, variáveis como escolaridade ou grupo social não foram incluídas como motivo de corte ou aceitação, mas observadas pela Ficha do Informante. No entanto, a partir do momento que iniciamos a pesquisa pudemos perceber que estes fatores estão influenciando o comportamento linguístico de alguns sujeitos da comunidade cigana pesquisada, e causam, mesmo que poucas, uma distinção entre eles, uma vez que membros da comunidade não possuem o mesmo nível de escolaridade, principalmente em se considerando a idade (quanto mais novo maior o grau de escolaridade).

Selecionou-se 12 falantes, distribuídos em três faixas etárias: (I) 18 a 30 anos, (II) 31 a 49 (III) 50 a 65, para cada faixa etária foram escolhidas, para serem inquiridas, duas pessoas de cada sexo. Outro ponto relevante para a pesquisa diz respeito à moradia do falante, em pesquisas deste caráter, recomenda-se que os falantes tenham moradia e emprego fixo na localidade; no caso da comunidade pesquisada, esta possui, há cerca de 20 anos, hábitos sedentários.

O quadro a seguir apresenta os informantes distribuídos em seus respectivos grupos, suas idades que os enquadra em uma das três faixas etárias sexo/gênero. Serão identificados apenas pela letra M – em se tratando de pessoas do sexo masculino – e a letra F – para fazer referência às informantes do sexo feminino – acompanhados por uma numeração que irá de 1 a 12, além de informarmos o grau de escolaridade.

Quadro 3 – Identificação dos informantes por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

INFORMANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
1	M	18	Médio incompleto
2	M	25	Fundamental II incompleto
3	M	40	Fundamental I incompleto
4	M	41	Graduação completa
5	M	50	Fundamental I incompleto
6	M	57	Alfabetizado
7	F	23	Fundamental I incompleto
8	F	25	Fundamental I completo
9	F	35	Alfabetizada
10	F	43	Alfabetizada
11	F	50	Alfabetizada
12	F	62	Não Alfabetizada

4.7A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para que pudéssemos chegar ao resultado da nossa pesquisa, passamos por fases essenciais, extremamente relevantes para o bom desenvolvimento da mesma. Inicialmente, definimos o tema do nosso trabalho para podermos dar início à pesquisa teórica.

Acompanhadas da professora orientadora e propulsora dessa pesquisa, fomos visitar a comunidade cigana, a fim de conhecermos o patriarca⁶ da família para expor o objetivo do trabalho e esclarecer quaisquer eventuais dúvidas que surgissem. A visita foi previamente agendada pela professora Geysa Andrade da Silva com um professor da rede municipal de ensino, o qual é filho do patriarca – responsável pelos contatos iniciais e declarante da autorização para a realização da pesquisa. Após ciência das características e objetivos da mesma, bem como das atividades que seriam realizadas na comunidade a qual representa.

Como de costume da cultura cigana, o patriarca da família é respeitado por todos. sendo assim, é consultado pelos demais membros antes de ser tomada

⁶ Na cultura cigana, o patriarca é o chefe reconhecido de uma extensa família.

qualquer decisão, ou seja, sua autorização é algo indispensável. Nesta primeira visita, tivemos a oportunidade de conhecer, além deste, outros membros da família. Após explicar a proposta do trabalho e responder alguns questionamentos, tivemos a oportunidade de selecionar alguns dos informantes para preenchimento da Ficha do Informante e agendamento das entrevistas. Voltamos à comunidade três vezes, concluindo a primeira fase da pesquisa que consistia na entrevista dos informantes e assinatura dos termos que nos autorizam utilizar os dados informados. Outras visitas e entrevistas foram realizadas pela pesquisadora proponente.

Feito isto, partimos para a transcrição dos dados. Para tal, foi preciso ouvir todas as entrevistas realizadas com os informantes, transcrever as lexias e então analisar os dados colhidos. Ao fim da transcrição, levantamos as variantes encontradas e elaboramos tabelas e quadros para melhor apresentar os dados obtidos. As tabelas expressam as respostas encontradas e sua frequência no grupo entrevistado. Os quadros reúnem as variantes obtidas, distribuídas de acordo com o sexo/gênero e com os grupos de idade a que cada falante pertence. Os falantes, como já exposto, estão representados pelas siglas: M, para informantes pertencentes ao sexo masculino (1, 2, 3, 4, 5 e 6) e F para informantes que pertencem ao sexo feminino (7, 8, 9, 10, 11 e 12).

Com as tabelas e quadros construídos, partimos para a consulta, em dicionários, dos verbetes encontrados durante os inquéritos, bem como daquelas apresentadas como possíveis respostas pelo QSL do AliB. Utilizamos dois dicionários diferentes, um digital e outro impresso, respectivamente, **Caldas Aulete Digital** (2016) e **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (2009). Frente as definições encontradas nos dicionários, partimos para a análise dos dados levantados durante as entrevistas.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados a serem analisados consistem nas respostas obtidas com a aplicação do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, área semântica “jogos e diversões infantis”, com 12 informantes da etnia cigana.

A análise de cada lexia é iniciada com a explicação acerca de cada brincadeira, e será dividida em duas etapas: a primeira com base na frequência em que ocorrem; a segunda discute as lexias a partir das variáveis sociais: idade e sexo/gênero. Primando por organizar o capítulo, facilitando, assim, o entendimento acerca da análise dos dados, será destinado a cada brincadeira um subtópico (5.1 a 5.13).

Para uma análise melhor detalhada, fez-se uma busca em dicionários de uso geral da língua portuguesa, Houaiss (2009) e Caldas Aulete Digital (2016), para verificarmos a dicionarização das unidades em estudo, bem como das variantes encontradas. Assim, torna-se possível visualizar as lexias empregadas por estes falantes, em seus atos de fala, analisando as variações lexicais existentes em tal comunidade em relação aos rótulos estabelecidos pelo ALiB.

5.1 CAMBALHOTA

A *cambalhota* é um elemento pertencente à ginástica acrobática, praticada em aulas de educação física, atividades circenses e sendo também um movimento da capoeira. Na infância é marcada por ser uma brincadeira que auxilia no desenvolvimento motor da criança.

Ao questionar os informantes sobre “... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), algumas foram as lexias encontradas para designar tal movimento. Observando-se os dados apresentados na Tabela 1, a seguir, percebe-se, portanto, que *maria cambona* foi a variante mais produtiva no grupo entrevistado, com 50% de frequência.

Tabela 1 – Frequência das formas lexicais de cambalhota – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Cambalhota	Maria Cambona	6	50%
	Maria Cambota	3	25%
	Pulo Mortal	1	8,33 %
	Ginástica	1	8,33%
	Não Respondeu	1	8,33%

A resposta mais comum a pergunta de número 155 do QSL do ALiB, a qual possui como rótulo a palavra *cambalhota*, foi a lexia composta *maria cambona*. Presente em metade das respostas, outras foram as lexias que também surgiram durante o inquérito: *Maria cambota*, *pulo mortal* e *ginástica*. A seguir verificaremos as ocorrências distribuídas de acordo ao sexo/gênero e ao grupo de idade a que cada falante pertence.

Quadro 4 – Formas lexicais de cambalhota – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Maria Cambona	-	-	+	-	-	+	+	+	-	+	+	-	6
Maria Cambota	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	3
Pulo Mortal	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	1
Ginástica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	1
Não Respondeu	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Certamente, esta é uma brincadeira bastante conhecida entre os falantes da comunidade, considerando que apenas um informante, pertencente ao sexo masculino, não soube responder a tal questionamento. Como mencionado anteriormente, partimos para a pesquisa em dicionários da língua

portuguesa a fim de verificarmos a dicionarização dos rótulos e das variantes encontradas. Desse modo, *cambalhota* é um termo que encontra-se dicionarizado e está registrado nas duas obras estudadas.

De acordo com Houaiss (2009, p. 375), a *cambalhota* consiste num “movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão”. O autor registra ainda as variantes: *bagaço*, *cabriola* e *cambota*.

Ao pesquisarmos, em Houaiss (2009), sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao movimento questionado percebeu-se que:

- (i) *Maria cambona* não é um verbete, a lexia *cambona* encontra-se dicionarizada, possuindo quatro definições, porém nenhuma delas possuem acepção relacionada ao que se refere à pergunta 155 do QSL;
- (ii) *Maria cambota* também não se configura enquanto um verbete, porém para a lexia *cambota*⁷ há duas definições passíveis de serem encontradas em dicionário, em uma delas o termo é considerado o mesmo que *cambalhota*;
- (iii) A lexia composta *pulo mortal*, como as anteriores, também não se encontra dicionarizada, pode ser verificada em separado, para *pulo* foram encontrados significados relacionados à ação expressa pelo verbo *pular*, entretanto *mortal*⁸ apresenta acepções que não se associam ao movimento questionado;
- (iv) Para o termo *ginástica*, os significados encontrados se relacionam com movimentos corporais, de modo generalizado, não há nenhuma especificidade para o movimento da *cambalhota*;

A pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital revelou que a lexia “*cambalhota*”, está dicionarizada, apresentando a seguinte definição “movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não

⁷ O dicionário Houaiss (2009) define “*cambota*” como um movimento ou exercício de reviravolta, estando ligada ao sentido de cambalear e, conseqüentemente, à brincadeira *cambalhota*.

⁸ A lexia “*mortal*” é definida em Houaiss (2009) como algo suscetível a morte.

as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida”. São apresentadas, ainda, algumas variantes: *cambota*, *cabriola* e *acrobacia no ar*.

Em pesquisa ao dicionário Caldas Aulete Digital (2016), sobre as lexias encontradas, constatou-se que:

- (v) A lexia composta *Maria cambota* não é um verbete. *Cambota*⁹ é um verbete, porém não possui acepção relacionada à brincadeira;
- (vi) A lexia *Maria cambona* também não se encontra dicionarizada. O termo *cambona*¹⁰ foi encontrado, porém sua definição não se liga a brincadeira pesquisada;
- (vii) *Pulo mortal*, de modo composto também não se encontra dicionarizado, se verificarmos em separado encontraremos para *pulo* significados relacionados ao verbo *pular*, por sua vez, *mortal*¹¹ não apresenta acepções se associem a brincadeira questionada;
- (viii) Para a lexia *ginástica* os significados encontrados fazem relação a movimentos corporais, mas não especificamente ao da brincadeira cambalhota.

5.2 GUDE

De origem muito antiga, os jogos com *gude* não possuem uma origem exata e clara; no entanto remontam tempos antigos, em que foram encontradas por pesquisadores, bolinhas em túmulos egípcios, datadas do ano 3000 a.C. A brincadeira também foi registrada no Império Romano, sendo praticada, inclusive, por adultos. Atualmente, as *bolinhas de gude* são confeccionadas em vidro, na antiguidade o jogo era realizado por meio de sementes arredondadas ou por nozes, avelãs, dentre outros.

A brincadeira chegou ao Brasil através dos colonizadores e já em seu material moderno, o vidro. Dentre outras modalidades, a base mais comum do

⁹ O dicionário Caldas Aulete Digital define o termo *cambota* enquanto um molde ou suporte de madeira, em forma de arco de círculo, para a construção de arcos e abóbodas.

¹⁰ A lexia *cambona* é apontada enquanto um utensílio de cobre utilizado no preparo de bebidas quentes.

¹¹ Para a lexia *mortal* o dicionário Caldas Aulete Digital apresenta definições relacionadas ao que está sujeito a morte.

jogo consiste em acertar as bolinhas em espaços delimitados, geralmente buracos cavados no chão, além de acertar as bolinhas dos adversários. A brincadeira em sua maioria é masculinizada, ou seja, mesmo sendo praticada por ambos os sexos, sua maior incidência é entre os meninos.

Ao questionar os informantes sobre “... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34), três foram as lexias encontradas para designar tal objeto. A resposta mais comum a pergunta de número 156 do QSL do ALiB foi *gude*. Surgiram também durante o inquérito as lexias: *bolinha de gude e grude*.

Tabela 2 – Frequência das formas lexicais de gude – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Gude/Bolinha de gude	Gude	5	41,66%
	Grude	4	33,33%
	Bolinha de gude	2	16,66%
	Não Respondeu	1	8,33%

Observando-se os dados apresentados na tabela acima, percebe-se, portanto, que *gude* foi a variante mais produtiva no grupo entrevistado, com 41,66% de frequência, seguida da lexia *grude*, variante fônica, ocorrente em 33,33%. A lexia composta *bolinha de gude* também aparece, em menor incidência, sendo resposta de apenas dois informantes.

Quadro 5 – Formas lexicais de gude – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Gude	+	-	-	+	-	-	-	+	+	+	-	-	5
Grude	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	4
Bolinha de gude	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Não Respondeu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	1

De acordo ao que nos apresenta o Quadro 5, a brincadeira se caracteriza enquanto familiar ao grupo, bem como o objeto utilizado em sua

execução, visto que apenas um informante, pertencente ao sexo feminino, não soube responder a tal questionamento, possivelmente por fazer parte de um grupo de idade mais avançado, o inquirido afirmou não se lembrar de tal objeto de vidro, mesmo lhe sendo apresentada a imagem.

A lexia *gude* apareceu, em maioria, nas respostas dadas por informantes do sexo feminino, seguida da lexia composta *bolinha de gude*, a qual está apenas presente em respostas de informantes do sexo masculino. O termo *grude* representa 33,33% das respostas, aparece tanto em respostas de inquiridos do sexo masculino quanto do feminino, os falantes que utilizaram tal termo para fazer referência ao objeto, em mais da metade, caracterizam-se por possuírem menor grau de escolaridade, demonstrando o emprego de variante informal da língua, com a pronúncia da letra *r*.

Em pesquisa ao dicionário, para o objeto *gude*, rótulo do ALiB e maior ocorrência durante os inquéritos, encontra-se a significação em Houaiss (2009, p. 999) “jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial”. São apontadas ainda algumas variantes para o termo: *belindre*, *berlinde*, *biloca*, *bilosca*, *birosca*, *bolita*, *búraca*, *búrica*, *peteca*, *pirosca* e *ximbra*.

Sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao objeto utilizado na brincadeira questionada o dicionário Houaiss (2009) revela que:

- (i) A lexia *grude*¹² é um verbete, porém possui acepções que em nada se relacionam com o objeto do jogo questionado.
- (ii) Ao pesquisarmos o termo *bolinha*, para a lexia composta *bolinha de gude*, verificou-se que esta corresponde a um regionalismo e equivale a *bola de gude*, equivalendo a brincadeira questionada.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Aulete Caldas Digital, percebeu-se que a lexia *gude* está dicionarizada apresentando duas definições: “jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos cavados na terra” e “Qualquer jogo que se use essas bolinhas”. Apresenta também algumas variações para esse termo: *baleba*, *belindre*, *berlinde*,

¹² Em Houaiss, *grude* é definida como uma espécie de cola ou gelatina, utilizada para unir ou colar peças de madeira.

biloca, bilosca, BIOSCA, bolita, búraca, búrica, bute, cabiçulinha, firo, peteca, piroasca, ximbra. Para as lexias encontradas a pesquisa no dicionário Aulete Caldas Digital revelou que:

- (iii) *Bolinha de gude* não é um verbete. Ao pesquisá-lo separadamente verificou-se que a significação para o termo “*bolinha*” faz alusão ao jogo de *gude*, como também *gude* refere-se ao brinquedo citado anteriormente.
- (iv) A lexia *grude*¹³ é um verbete, no entanto a sua descrição não faz em nenhum momento alusão ao brinquedo referente a questão 155 do QSL.

5.3 ESTILINGUE

Brinquedo de arma, comumente produzido por crianças do sexo masculino e utilizado para matar passarinhos por séculos; o estilingue é um objeto composto por três partes: a forquilha, o elástico e a malha. Por sua base ser uma forquilha, o estilingue possui formato em “Y” o qual é esculpido em madeira, as tiras de borracha ou elástico são amarradas nas extremidades superiores, as pontas das duas tiras são amarradas a um pedaço de couro, o qual é depositado o projétil que será atirado através do impulso da borracha quando esta é distendida.

Ao questionar os informantes sobre “... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinho?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), três foram as lexias encontradas para designar tal objeto, como apresenta a tabela abaixo.

¹³ Em Caldas Aulete Digital, *grude* é apontado como uma espécie de cola utilizada para unir peças de materiais diversos.

Tabela 3 – Frequência das formas lexicais de estilingue – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Estilingue/Setra/Bodoque	Badogue	6	50%
	Badoque	5	41,66
	Bagodi	1	8,33

A resposta mais comum a pergunta de número 157 do QSL do ALiB foi *badogue*. Surgiram também durante o inquérito as lexias: *badoque* e *bagodi*. Observando-se os dados apresentados no Quadro 6, a seguir, percebe-se, portanto, que *badogue* foi a variante mais produtiva no grupo entrevistado, com 50% de frequência.

Quadro 6 – Formas lexicais de estilingue – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Badogue	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	6
Badoque	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	5
Bagodi	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	1

De acordo ao que nos apresenta o Quadro 6, a brincadeira se caracteriza enquanto familiar ao grupo, bem como o objeto utilizado em sua execução, visto que todos os informantes responderam a pergunta feita, apresentando três variações para denominar o brinquedo.

A lexia *badogue* aparece apenas nas respostas dadas por informantes do sexo masculino, em oposição às lexias *badoque* e *bagodi*, presentes apenas em respostas de informantes do sexo feminino. A palavra *badoque* representa 41,66% das respostas e *bagodi* 8,33%, sendo que a troca do fonema aconteceu apenas em uma informante do sexo feminino com faixa etária de 18 a 30 anos e baixa escolaridade.

Em pesquisa ao dicionário para o termo *estilingue*, rótulo do ALiB, o qual não teve nenhuma ocorrência durante os inquéritos, encontra-se a significação

em Houaiss (2009, p. 834) “arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com o que se lançam pedras para matar pássaros”. São apontadas ainda algumas variantes para o termo: *atiradeira* e *bodoque*.

Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao objeto utilizado na brincadeira questionada percebeu-se que:

- (i) A lexia *badogue*, com maior presença na fala dos entrevistados, está posto como sinônimo de *atiradeira*, também considerada uma variante para o termo *estilingue*.
- (ii) A lexia *badoque* é um verbete, com significação marcada para o mesmo que *bodoque*, também considerada sinônimo de *atiradeira*.
- (iii) Ao pesquisarmos a lexia *bagodi*, a qual esteve presente na fala de um inquirido, percebemos que a mesma não está dicionarizada.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), foi possível constatar que a lexia *estilingue*, a qual é rotulada pelo QSL do ALIB, está dicionarizada apresentando como definição “instrumento composto por uma forquilha (de madeira) na qual se amarra uma tira elástica, para arremessar objetos, pequenas pedras à distância”, condizente com o conceito apresentado pelo ALiB. Apresenta, também, a variante *atiradeira*. A pesquisa para as lexias encontradas, em entrevista, revelou que:

- (iv) *Badogue* não é um verbete.
- (v) *Bagodi* é uma palavra que não se encontra dicionarizada, logo não se pode fazer nenhuma acepção ao brinquedo apresentado pelo ALiB.
- (vi) A lexia *Badoque* encontra-se dicionarizada e é o mesmo que *bodoque*, variante para *estilingue*; são apresentados ainda outros termos para designar o mesmo conceito: *atiradeira*, *badoque*, *bodogue*.

5.4 PIPA/PAPAGAIO DE PAPEL

A *pipa*, também conhecida por *papagaio*, é um brinquedo de origem oriental, trazido para a América do Sul no século XVI. Contam as tradições orientais que os habitantes de uma cidadezinha afastada conseguiam pedir ajuda por intermédio desse brinquedo. A enciclopédia chinesa Khé-Tchi-King-Youen, diz que a pipa foi inventada pelo general chinês comandante do exército Hau-sin, no ano de 206 a.C., o mesmo utilizou este brinquedo para calcular a distância que o separava do palácio WaiYang, pois tinha como objetivo conquistá-lo por meio de um túnel (BERNARDES, 2005).

Ao questionar aos informantes sobre “... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento, por meio de uma linha?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), três foram as lexias encontradas para designar tal objeto: *pipa*, *avião* e *balão*, como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 4 – Frequência das formas lexicais de pipa – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Pipa	Pipa	8	66,66%
	Avião	1	8,33
	Balão	1	8,33
	Não Respondeu	2	16,66

A resposta mais comum a pergunta de número 158 do QSL do ALiB foi *pipa*. Surgiram também durante o inquérito as lexias *avião* e *balão*. Observando-se os dados presentes na Tabela 4, é perceptível que a lexia *pipa*, foi a mais produtiva entre os sujeitos entrevistados com 66,66%.

Quadro 7 – Formas lexicais de pipa – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Pipa	+	+	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-	8
Avião	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	1
Balão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	1
Não Respondeu	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	2

De acordo ao que nos apresenta o Quadro 7, a brincadeira é conhecida dentro do grupo, bem como o objeto utilizado em sua execução, visto que apenas dois informantes, pertencentes ao sexo masculino, não souberam responder a tal questionamento; possivelmente por fazerem parte de um grupo de idade mais avançada, os inquiridos afirmaram não se lembrar de tal objeto feito de varetas, coberto por papel, mesmo lhe sendo apresentada a imagem, portanto 16,66% não souberam responder a pergunta.

A lexia *pipa* apareceu em mesma proporção nas respostas dadas por informantes do sexo feminino e masculino, seguida das lexias *avião* e *balão*, as quais estão presentes apenas em respostas de informantes do sexo feminino. As lexias *avião* e *balão* representam 8,33% das respostas cada, aparece em respostas de inquiridos do sexo feminino, sendo que a primeira está presente na fala da inquirida mais jovem e a segunda de inquirida da faixa de maior idade.

Em pesquisa ao dicionário, para a lexia *pipa*, rótulo do ALiB e maior ocorrência durante os inquéritos, encontra-se a significação em Houaiss (2009) como sendo o mesmo que papagaio. Sendo apontada como variante apenas esta mesma palavra, *papagaio*.

Em Houaiss (2009), tais foram as significações para as lexias encontradas durante os inquéritos para se referirem ao objeto utilizado na brincadeira questionada:

- (i) A lexia *avião*¹⁴ é um verbete, porém possui acepção que em nada se relacionam com o objeto da brincadeira questionada.
- (ii) Ao pesquisarmos o vocábulo *balão*¹⁵, verificou-se que o mesmo não corresponde à brincadeira questionada, apesar de dicionarizada.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), percebeu-se que a lexia *pipa*, a qual é rotulada pelo QSL do ALiB, está dicionarizada apresentando como definição “armação composta por duas varetas cruzadas e recobertas por um papel fino, formando um losango que contém em uma das pontas uma linha que facilita sua estabilidade quando posta em movimento para planar”. Não sendo feita nenhuma menção a uma variante para o termo. Verificamos no dicionário Caldas Aulete Digital que:

- (iii) *Avião*¹⁶ é um verbete, contudo sua definição não está em nenhum momento associada ao brinquedo em questão.
- (iv) O verbete *balão*¹⁷ é uma palavra que se encontra dicionarizada, porém o conceito apresentado não faz acepção ao brinquedo em questão. As definições encontradas na pesquisa fazem menção a outras brincadeiras diferentes da apresentada pelo questionário do ALiB.

5.5 PIPA/ARRAIA

A *pipa/arraia* apresenta semelhanças diretas com o item anterior, a *pipa*. Observando a história dos brinquedos, *pipa* e *pipa/arraia*, percebemos que

¹⁴ Em Houaiss, *avião* é colocado como aeronave de propulsão a motor, sustentada no ar por asas.

¹⁵ *Balão* é apresentado em Houaiss (2009) como sendo um artefato de papel fino com formatos diferentes, inflado pelo ar aquecido e que, geralmente, são soltos no espaço no período de festas juninas.

¹⁶ Em Caldas Aulete Digital, *avião* é definido como uma aeronave.

¹⁷ A lexia *balão* é definida enquanto um artefato de papel fino, de formas variadas, que se faz subir, ger. nas festas juninas, por força do ar quente produzido em seu interior por buchas acesas ou ainda pode ser de borracha ou de plástico, em forma de pequeno saco, que se enche de ar ou de um gás mais pesado que o ar e adquire formas diversas.

ambos, possuem a mesma origem, não sendo, portanto, consideradas como brincadeiras distintas, como trata o questionário do ALiB.

Ao questionar aos informantes sobre “... o brinquedo parecido com o (item anterior), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina no vento, por meio de uma linha?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), algumas foram as lexias encontradas para designar tal brinquedo. A resposta lexia mais comum a pergunta de número 159 do QSL do ALiB, foi a lexia *pipa*; no entanto 50% dos informantes não responderam a questão.

Tabela 5 – Frequência das formas lexicais de pipa/arraia – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Pipa/Arraia	Pipa	4	33,33%
	Balão	1	8,33%
	Bandeira	1	8,33%
	Não Respondeu	6	50%

O rótulo do ALiB esteve presente em 33,33% das respostas, outras duas lexias também surgiram durante o inquérito: *balão* e *bandeira*. Observando-se os dados apresentados na Tabela 5, acima, percebe-se, portanto, que *pipa* foi a variante mais produtiva no grupo entrevistado, contudo o que teve maior destaque foi o número de informantes que não souberam responder ao questionamento, abrangendo 50% dos inquiridos, os quais pertencem a grupos de idades e sexos/gêneros variados. O Quadro a seguir demonstra a distribuição dessas respostas.

Quadro 8 – Formas lexicais de pipa/arraia – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F1	F2	F3	F4	F5	F6	
Pipa	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	4
Balão	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	1
Bandeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	1
Não Respondeu	+	-	+	-	+	+	+	-	-	-	+	-	6

De acordo ao que nos apresenta o Quadro 8, o brinquedo se caracteriza como pouco familiar ao grupo, visto que apenas dois informantes, pertencentes ao sexo masculino, e quatro pertencentes ao sexo feminino souberam responder a tal questionamento, ambos pertencentes à mesma faixa etária.

A lexia *pipa* apareceu, em maioria, nas respostas dadas por informantes do sexo feminino; já os que não souberam responder, tem maior prevalência entre os informantes do sexo masculino. As lexias *balão* e *bandeira* representam 8,33% das respostas, surgindo apenas nas respostas de inquiridas do sexo feminino.

Em pesquisa ao dicionário, para o objeto *pipa/arraia*, que teve em *pipa* maior ocorrência durante os inquéritos, encontra-se a significação em Houaiss (2009) que esta é o mesmo que o brinquedo de nome *papagaio*. Sendo apontada como variante apenas a palavra *papagaio*. Já a lexia *arraia* em definição no dicionário é colocada apenas como sinônimo de *papagaio*.

Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao brinquedo utilizado na brincadeira questionada percebeu-se que:

- (i) A lexia *balão* é um verbete que, de acordo ao dicionário Houaiss (2009), se configura enquanto um artefato de papel inflado por ar aquecido e comum durante festejos juninos.
- (ii) *Bandeira* é um verbete definido como uma peça retangular, que traz cores representando nação, estado, etc.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), é possível perceber que a lexia *Pipa/arraia* está dicionarizada apresentando como definição “pequeno papagaio ou pipa com o formato desse peixe; RAIA”. Ou seja, o dicionário apresenta *pipa* e *arraia* como o mesmo brinquedo. Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao brinquedo questionado percebeu-se que:

- (iii) *Balão*¹⁸ é uma palavra que se encontra dicionarizada, porém as definições encontradas para tal fazem menção a brincadeiras diferentes do conceito apresentado pelo questionário do ALiB.

¹⁸A lexia *balão* é definida enquanto um artefato de papel fino, de formas variadas, que se faz subir por força do ar quente, normalmente nas festas juninas.

- (iv) A lexia *bandeira*¹⁹ se encontra dicionarizada, no entanto a descrição da mesma não faz referência em nenhum momento ao brinquedo em questão.

5.6 ESCONDE-ESCONDE

Esconde-esconde é uma brincadeira tradicional praticada por crianças nos arredores de suas casas e em outros espaços como, por exemplo, escolas e praças. A mesma contribui para o desenvolvimento, na criança, das noções de espaço e tempo, bem como aprender a partilhar e construir novas amizades.

Ao questionar os informantes sobre “... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vão procurá-las?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), algumas foram as lexias encontradas para designar tal brincadeira. A resposta mais comum a pergunta de número 160 do QSL do ALiB, a qual possui como rótulo a palavra *esconde-esconde*, foi, justamente, a lexia *esconde-esconde*.

Tabela 6 – Frequência das formas lexicais de *esconde-esconde* – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Esconde-Esconde	Esconde-esconde	6	50%
	Se esconder	3	25%
	Eú	3	25%

Somando juntas 50%, *Se esconder* e *Eú*, foram as palavras que também surgiram durante o inquérito. Observando-se os dados apresentados no Quadro 9, a seguir, percebe-se, portanto, que *Esconde-esconde* foi a variante mais produtiva no grupo entrevistado, representando os outros 50% de

¹⁹Peça de pano, geralmente retangular, com as cores e, às vezes, legendas e/ou símbolos representativos de uma nação, instituição, agremiação etc, segundo o Caldas Aulete Digital.

ocorrência. Certamente, esta é uma brincadeira bastante conhecida entre os falantes da comunidade, considerando que todos os informantes responderam ao questionamento.

A lexia *esconde-esconde* apareceu, em grande maioria, nas respostas dadas por informantes do sexo masculino, em oposição aos termos *se esconder* e *eú*, os quais apareceram, em maior proporção, nas respostas dos informantes do sexo feminino, como se verifica a seguir.

Quadro 9 – Formas lexicais de *esconde-esconde* – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Esconde-esconde	+	+	+	+	+	-	-	-	+	-	-	-	6
Se esconder	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+	-	-	3
Eú	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+	3

Como mencionado anteriormente, partimos para a pesquisa em dicionários da língua portuguesa a fim de verificarmos a dicionarização do rótulo e das variantes encontradas. Desse modo, *esconde-esconde* é um termo que se encontra dicionarizado e está registrado nas duas obras estudadas.

De acordo com Houaiss (2009, p. 801), *esconde-esconde* consiste num “jogo infantil em que um participante deve encontrar os demais que estão escondidos”. O autor registra ainda as variantes: *bacondê*, *escondidas*, *escondido*, *manja*, *pegador* e *tempo será*.

Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao jogo questionado percebeu-se que:

- (i) *Se esconder* não é um verbete dicionarizado, a lexia *esconder* encontra-se dicionarizada, possuindo quatro definições, e uma delas faz referência à brincadeira questionada pelo QSL.

- (ii) Para o termo *Eú* não foi encontrada definição que fizesse acepção ao conceito colocado em referência à pergunta 160 do QSL.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), verifica-se que a lexia *esconde-esconde* está dicionarizada apresentando como definição o conceito de “brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras, que se esconderam; a primeira que for encontrada toma o lugar da que a achou”. O mesmo traz como variante para a lexia em questão: *escondidas, escondido, tempo-será*.

Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao movimento questionado percebeu-se que:

- (iii) Se *esconder* não se encontra no dicionário, logo não se pode fazer nenhuma acepção a brincadeira pesquisada, contudo a lexia *esconder* é um verbete e refere-se à brincadeira questionada pelo ALiB.
- (iv) A lexia *Eú* não se encontra dicionarizada.

5.7 CABRA-CEGA

Menos praticada por crianças e mais por adultos, no início do século XVI; a cabra-cega é uma brincadeira que apenas se liga ao meio infantil a partir do século XVII, quando em pinturas holandesas se veem crianças, juntas aos adultos, realizando tal brincadeira. O pintor Orlando Terus também retratou em sua obra a mesma brincadeira no ano de 1930, à época executada apenas por adolescentes e não mais acompanhadas ou por pessoas adultas.

A brincadeira é indicada para crianças que tenham a partir dos seis anos de idade e estimula a percepção de espaço, além de aguçar a atenção e a agilidade. Para ser realizada a brincadeira exige que se tenha disponível uma venda a qual será utilizada para vendar os olhos de um dos participantes, este, por sua vez, deverá pegar os outros jogadores, aquele que for pego primeiro passará ao posto de cabra-cega.

Pega-pega	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	1
Não Respondeu	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	4

De acordo ao que retrata o quadro acima a brincadeira é conhecida entre os inqueridos, considerando o fato de que o número de pessoas que não responderam não foi tão alto, 33,33%. Conhecida na mesma proporção entre informantes do sexo masculino e feminino, a lexia *cobra-cega* foi mais mencionada por falantes do sexo feminino e pertencentes às faixas I e II.

Em pesquisa ao dicionário Houaiss (2009) para a lexia *cabra-cega*, esta é uma brincadeira infantil, em que um participante vendado deve pegar outro participante. Para as variantes empregadas pelos entrevistados, percebeu-se que:

- (i) *Cobra-cega*, significante que apareceu em maioria das respostas, é um verbete e faz relação com os anfíbios, ápodes da ordem dos gimnofionos. *Cobra e cabra-cega* são marcadas, ainda, pelo dicionário apenas enquanto parônimos.
- (ii) A lexia *pega-pega*, também dicionarizada, é apresentada como o mesmo que *pique*. *Pique* também é uma brincadeira que consiste na tentativa de uma criança pegar as demais, porém não há menção de que esta criança deva estar vendada.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), pode-se perceber que a lexia *cabra-cega*, rótulo do ALIB, está dicionarizada apresentando duas definições, são elas: “brincadeira de crianças em que uma delas, de olhos vendados, tenta pegar uma das outras, que a substituirá” e “aquele (ou aquela) participante da brincadeira que fica vendado (a) e tenta pegar algum dos outros”. Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inqueridos para se referirem à brincadeira questionada percebeu-se que:

- (iii) O verbete *cobra-cega*²⁰ encontra-se dicionarizado, contudo sua definição não condiz com a brincadeira descrita, a mesma aparece como homônimo para *cabra-cega*.

²⁰ Denominação comum aos anfíbios ápodes, segundo o Caldas Aulete Digital.

- (iv) *Pega-pega* se encontra dicionarizada e está relacionada com a lexia *pique*, brincadeira infantil em que uma criança deve pegar uma das restantes antes que alcancem certo local.

5.8 PEGA-PEGA

Vinda para o Brasil por meio da cultura africana, o *pega-pega* é uma brincadeira tradicional presente na vida de crianças desde a Idade Média e tem sua origem ligada as antigas histórias de buscas que aconteciam neste mesmo período. No Brasil, a brincadeira era realizada inicialmente como forma de imitar as perseguições que sofriam os escravos quando estes fugiam e eram buscados pelos capitães-do-mato. A prática dessa brincadeira oferece à criança o desenvolvimento do raciocínio lógico e das relações entre velocidade, tempo e distância.

A questão 162 do QSL do ALiB, refere-se a esta brincadeira. Ao serem interrogados sobre “um jogo (uma brincadeira) em que a criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), algumas foram as lexias para designar tal conceito, apresentadas a seguir.

Tabela 8 – Frequência das formas lexicais para pega-pega – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Pega-pega	Pega-pega	4	33,33%
	Bila / Bila-bila	2	16,66%
	Peguei	1	8,33%
	Não Respondeu	5	41,66%

A variante que ocorreu com maior frequência foi justamente aquela que também é o rótulo do ALiB, *pega-pega*, com 33,33% de ocorrências. Uma segunda lexia também aparece *bila/bila-bila*, sendo mencionada por dois dos entrevistados, a qual não possui significação reconhecida ligada a tal

brincadeira, como veremos a diante. A lexia *peguei* apareceu em apenas uma das respostas. Dos inqueridos, 41,66% não souberam responder a pergunta, revelando que não se lembravam de tê-la brincado. A seguir poderemos analisar as lexias de acordo a idade e sexo/gênero dos falantes.

Quadro 11 – Formas lexicais para pega-pega – sexo/gênero e idade dos falantes

	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
Variantes	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Pega-pega	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	4
Bila / Bila-bila	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	2
Peguei	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	1
Não Respondeu	-	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-	+	5

A lexia *pega-pega* aparece com maior frequência em respostas de falantes com idade mais jovem e, principalmente, aquelas de sexo feminino, 75%. A lexia *bila/bila-bila* apareceu apenas em resposta de falantes com idades entre 31 a 49, de ambos os sexos, e a lexia *peguei* apenas por falante do sexo masculino, pertencente a faixa III.

Em pesquisa ao dicionário Houaiss (2009), constatou-se que o verbete *pega-pega*, rótulo do ALiB e variante encontrada durante os inquéritos – representando 33,33% das ocorrências – entre outras acepções, é considerado o mesmo que *pique*: brincadeira infantil em que uma criança deve correr atrás das demais que participam do jogo. São apontadas enquanto sinônimos para a lexia: *angapanga*, *cerca-lourenço*; *maria-macumbé*; *pega*; *pegador*; *picula*; *pique* e *toca*. Nenhuma das demais variantes que surgiram durante os inquéritos aparecem junto às listadas pelo dicionário. Constatamos ainda que:

- (i) As lexias simples e compostas, respectivamente *bila* e *bila-bila*, não tiveram significação relacionada a brincadeira. No dicionário é possível encontrar o termo *bila* este é uma variante para um objeto utilizado em outra brincadeira, a *gude*. Sabendo que os jogos de *gude* consistem na tentativa de acertar as bolinhas dos

adversários, é possível explicar tal associação com a brincadeira em que se deve tocar nos demais participantes.

- (ii) *Peguei* não é um termo dicionarizado, porém remete, claramente, a ação expressa pelo verbo *pegar*, estando flexionado no pretérito perfeito do indicativo.

Ao fazer a pesquisa no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), vê-se que a lexia *pega-pega* está dicionarizada e é marcada enquanto o mesmo que *pique* (brincadeira infantil em que uma criança corre para uma entre as demais, antes que alcancem determinado ponto). Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem a brincadeira questionada percebeu-se que:

- (iii) *Bila/bila-bila* não possui significação que se relacione a brincadeira. O termo *bila* aparece ligando-se a *bílis*.
- (iv) *Peguei* não se encontra dicionarizado, no entanto compreende-se que este é o verbo *pegar* flexionado, nomeando a brincadeira através da ação que o verbo expressa quando realizada pela primeira pessoa do discurso.

5.9 PICULA

A brincadeira a que se refere à questão 163 do QSL do ALiB, tem relação com a brincadeira anterior, o pega-pega, faz menção a um ponto o qual é anteriormente combinado pelas crianças. Este ponto tem a função de tornar aquele que o alcance imune ao toque do colega responsável por pegar os demais. Quando inquiridos sobre o nome deste ponto, mesmo recordando da brincadeira e das normas que a regiam, os entrevistados, de modo geral, não souberam responder.

O significante que o ALiB apresenta para tal ponto é *picula/ferrolho/salva/pique*. Apenas dois informantes conseguiram responder à questão.

Tabela 9 – Frequência das formas lexicais para picula – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Picula	Salva-vida	1	8,33%
	Ronda	1	8,33%
	Não Respondeu	10	83,33%

Mesmo sendo a brincadeira familiar aos entrevistados, estes não conseguiram lembrar-se dos detalhes que a compunha. As variantes que ainda assim apareceram para o ponto combinado foram: *salva-vida* e *ronda*. Como é possível verificar no quadro acima 83,33% dos informantes não responderam ao questionamento. O Quadro seguinte mostra a distribuição destas respostas.

Quadro 12 – Formas lexicais para picula – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Salva-vida	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	1
Ronda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	1
Não Respondeu	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	-	+	10

Para fazer referência a tal ponto aparecem apenas duas variantes, as quais foram mencionadas exclusivamente por falantes do sexo feminino. A informante entre 18 e 30 anos usou a lexia composta *salva-vida* para fazer menção ao ponto e outra informante entre 50 a 65 anos, usou a lexia *ronda*. Nenhum dos inquiridos pertencentes do sexo/gênero masculino recordou-se de como se chamava tal ponto.

Em Houaiss (2009) o verbete *picula* é apontado enquanto mesmo que a brincadeira de nome *pega-pega* ou *pique*, ou seja, de acordo a definição do dicionário *picula* corresponde a toda a brincadeira e não apenas ao ponto

capaz de imunizar os participantes da mesma, é possível verificar ainda acerca das variantes presentes nas respostas dos inquiridos:

- (i) Há no dicionário o verbete *salva-vidas* para referir-se à dispositivos de embarcações destinados ao salvamento; no entanto, não há aceção dicionarizada que remeta a brincadeira ou ao ponto combinado, em questão.
- (ii) *Ronda* é uma lexia dicionarizada, porém com significação ligada ao ato de inspecionar, vigiar.

Ao pesquisarmos a lexia *picula*, em Aulete Caldas Digital (2016) percebemos que a mesma se encontra dicionarizada apresentando a seguinte definição: “brincadeira infantil semelhante ao pega-pega, pique (brincar de picula)”, contudo a definição da mesma é relacionada a brincadeira *pega-pega*, não sendo direcionada ao nome dado ao ponto combinado na brincadeira *pega-pega*, como está rotulado pelo ALiB. Para as lexias apontadas pelos inquiridos para se referirem ao nome do ponto combinado, parte da brincadeira *pega-pega*, verificou-se:

- (iii) A lexia composta *salva-vida* não é um verbete. Ao pesquisá-las separadamente, as mesmas encontram-se dicionarizadas, mas suas definições em nada condizem com a brincadeira em questão.
- (iv) O verbete *ronda*²¹ está dicionarizado, contudo a sua descrição não faz alusão à brincadeira de número 163 do QSL.

5.10 CHICOTINHO

A versão da brincadeira *chicotinho* se constitui com as crianças em um círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto com que perseguem o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo. Como boa parte das brincadeiras tradicionais existentes no Brasil, acredita-se que a mesma tenha vindo de Portugal e atrelou-se, em nosso país, a outras culturas. O quadro

²¹ Segundo Aulete Caldas Digital, *ronda* corresponde a inspeção feita a algum lugar para verificar se está tudo em ordem.

abaixo revela que esta não é, diante da comunidade questionada, uma brincadeira familiar.

Tabela 10 – Frequência das formas lexicais para chicotinho – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variante	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Chicotinho	Pegadinha	1	8,33%
	Não Respondeu	11	91,66%

Quadro 13 – Formas lexicais para chicotinho – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Pegadinha												+	1
Não Respondeu	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+		11

Diante da análise do Quadro 13 esta não é uma brincadeira conhecida entre os falantes da comunidade, considerando que apenas um informante (8,33%), pertencente ao sexo feminino, da faixa etária III responder a tal questionamento, possivelmente por estes não terem realizado tal brincadeira, não ficando esta em sua memória de infância.

Chicotinho é um termo que não se encontra dicionarizado, o que está registrado em Houaiss (2009) é a lexia composta *chicotinho-queimado*, esta se encontra marcada como o mesmo que outra lexia *chicote-queimado*, brincadeira infantil em que uma criança esconde um objeto e as demais devem procurá-lo, enquanto aquele que escondeu profere afirmativa como, “está quente”, “está frio”, auxiliando os demais durante as buscas. No entanto, a brincadeira descrita no Houaiss, não tem relação com a descrita no QSL do ALiB.

Ao pesquisarmos sobre a lexia apontada por uma das inquiridas para se referir à brincadeira questionada percebeu-se que:

- (i) *Pegadinha* é um verbete que se encontra dicionarizado, no entanto a sua definição está relacionada com o fito de fazer graça, o que nada faz alusão ao jogo presente na pergunta de número 164 do QSL.

Em Caldas Aulete Digital a lexia *chicotinho*, rótulo do ALiB, não se encontra dicionarizada, contudo aparece *chicotinho queimado* colocada como o mesmo que a brincadeira de nome *chicote-queimado*, tal brincadeira possui duas acepções: a primeira trata de um tipo de brincadeira em que um objeto é escondido e as demais crianças devem procurá-lo enquanto quem o escondeu lhes guia através de dicas; a segunda definição aponta para outra brincadeira, a qual um participante corre atrás dos demais a fim de atingi-los com um pano.

Ao pesquisarmos sobre as lexias apontadas pela inquirida para se referir ao nome da brincadeira supracitada pudemos observar que:

- (ii) A lexia *pegadinha* é um verbete, contudo a sua definição está relacionada com brincadeiras de humor, utilizando o artifício de enganar para provocar o divertimento.

5.11 GANGORRA

A gangorra é um brinquedo presente nos parquinhos de diversões e é disputadíssimo pelas crianças, o brinquedo consiste em uma tábua apoiada no meio em que as crianças sentam cada uma em uma ponta para ficar subindo e descendo, além de proporcionar a diversão da criança, essa brincadeira exercita o corpo, o que é extremamente saudável para a criança.

A prática dessa brincadeira favorece o desenvolvimento de habilidades motoras, permitindo à criança descobrir a dimensão das suas capacidades reais, ao mesmo tempo em que permite o aperfeiçoamento das habilidades sociais e a comunicação com outros sujeitos.

O conceito trazido pelo ALiB questiona sobre o nome de um brinquedo composto por uma tábua a qual duas crianças sentam, em uma extremidade cada, e realizam o movimento de sobe e desce. Ao serem inquiridos, os

informantes demonstraram conhecer tal brinquedo e algumas foram as variantes empregadas para designá-lo, como é apresentado a seguir.

Tabela 11 – Frequência das formas lexicais para gangorra – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Gangorra	Gangorra	5	41,66%
	Balanço	2	16,66%
	Barco	1	8,33%
	Balança	1	8,33%
	Não Respondeu	3	25%

A lexia mais produtiva foi *gangorra*, também rótulo do ALiB, ocorrendo em 41,66% das respostas válidas obtidas. A segunda lexia que mais aparece, *balanço*, é apontada por dois dos informantes. Em mesma proporção apareceram ainda *barco* e *balança*, mencionadas por falantes do sexo feminino, como pode ser visto a seguir.

Quadro 14 – Formas lexicais para gangorra – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F1	F2	F3	F4	F5	F6	
Gangorra	+	+				+	+			+			5
Balanço			+					+					2
Barco									+				1
Balança												+	1
Não Respondeu				+	+						+		3

Entre os falantes que utilizaram o termo *gangorra* para referir-se ao brinquedo questionado, estão inquiridos tanto do sexo/gênero masculino quanto feminino. Os falantes que apresentaram a lexia *balanço* pertencem aos dois sexos e a grupos de idade relativamente próximos. *Barco* e *balança*

surgiram apenas em respostas de inquiridos do sexo feminino, sendo *balança* apontada por uma informante da faixa III.

Para *gangorra*, entre outras acepções, o Houaiss (2009, p. 952) aponta que esta é um objeto composto por uma “prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo”. Às demais variantes verifica-se que:

- (i) A lexia *balanço* é descrita como um brinquedo que possui assento e é suspenso através de cordas ou correntes, caracterização distinta daquela apresentada para *gangorra*. A associação dos nomes dá-se, certamente, por ambos apresentarem formação e execução relativamente parecidas.
- (ii) *Barco* possui acepção que não se relaciona ao brinquedo, sendo qualquer tipo de embarcação pequena, coberta ou não, movida a vela.
- (iii) As significações encontradas para *balança* também não se relacionam ao brinquedo. Possivelmente, esta é empregada em referência ao movimento realizado durante a brincadeira.

Em Aulete Caldas Digital (2016), o verbete *gangorra*, rótulo do ALiB, encontra-se dicionarizado apresentando a definição de “brinquedo constituído de uma prancha firmada numa base central de ajustamento oscilante, de modo que duas pessoas, geralmente crianças, podem sentar-se em cada uma das extremidades e lhe imprimir movimentos alternados de baixo para cima e vice-versa”. Ao pesquisar sobre as lexias assinaladas pelos inquiridos, ao se referir a brincadeira colocada pelo QSL, pudemos observar que:

- (iv) O verbete *balanço*²² apresenta definição que não condiz com a definição colocada pelo ALiB, correspondendo a outra brincadeira.

²² Em Aulete Caldas Digital *balanço* corresponde a um brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila com o impulso do corpo.

- (v) O vocábulo *barco* se encontra dicionarizado, no entanto a definição da mesma não tem nenhuma relação com a brincadeira em questão, pois a definição está relacionada a embarcações.
- (vi) A lexia *balança* é um termo que está dicionarizado, contudo a descrição da mesma faz referência à brincadeira de *balanço* não de *gangorra*.

5.12 BALANÇO

O *balanço* é um dos brinquedos mais antigos, tanto quanto a história da humanidade, é um brinquedo presente em parques e praças de cidades e constitui-se em uma tábua pendurada por meio de duas cordas, onde a criança senta para se balançar.

Além de diversão garantida esse brinquedo proporciona as crianças o desenvolvimento da interação com o mundo a sua volta oferecendo a oportunidade de assimilar o seu mundo exterior ao interior sem precisar modificar a realidade externa. Quando inquiridos sobre o nome do brinquedo composto por uma tábua, pendurada por meio de cordas em que a criança deve sentar-se e balançar-se apareceram as seguintes variantes.

Tabela 12 – Frequência das formas lexicais para balanço – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variantes	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Balanço	Gangorra	7	58,33%
	Balanço	4	33,33%
	Balançador	1	8,33%

Para maioria dos falantes entrevistados, a lexia mais produtiva é *gangorra*, a qual ocorreu em 58,33%. *Balanço* apareceu em apenas 33,33% das respostas válidas obtidas. O termo *balançador* apareceu em resposta de apenas uma informante, a qual pertence a um grupo de idade mais avançado.

Quadro 15 – Formas lexicais para balanço – sexo/gênero e idade dos falantes

	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
Variantes	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Gangorra		+	+	+	+				+	+	+		7
Balanço	+					+	+	+					4
Balançador												+	1

Gangorra aparece tanto em respostas de informantes do sexo masculino quanto do sexo oposto, com faixas etárias diferentes. Utilizou a lexia *balanço* falantes do sexo feminino e masculino, em mesma proporção. Para o termo *balançador* houve apenas uma ocorrência, este fora mencionado apenas por falante do sexo feminino, da faixa III.

Ao verificar no dicionário Houaiss (2009) a significação para *balanço* apurou-se que este é um brinquedo que possui assento e é suspenso através de cordas ou correntes, significação de acordo ao conceito que é questionado pelo ALiB. Para as demais variantes verificou-se que:

- (i) A lexia *gangorra* aparece dicionarizada, porém com acepção distinta da qual é destinada a balanço. Por possuírem – *gangorra* e *balanço* – composição e execução relativamente parecidas estas não possuem, para muitos falantes, distinção, no que tange a lexia, para designá-las.
- (ii) *Balançador* não é um verbete, porém é visível que o termo faz alusão a função do brinquedo questionado, quando se é adicionado um sufixo *-dor-* a ação expressa pelo verbo *-balançar-*, (*balançar+dor=balançador*).

A lexia *balanço* está registrada no dicionário Caldas Aulete Digital (2016) como um “brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila

com o impulso do corpo”. É apresentada como variante o vocábulo *balouço*. Pesquisando as lexias utilizadas pelos inquiridos, pudemos perceber que:

- (iii) *Balanço*, como apresentado acima, encontra-se dicionarizado e a definição condiz com a apresentada pelo QSL do ALiB.
- (iv) A lexia *gangorra* se encontra no dicionário pesquisado, contudo a mesma faz referência à brincadeira elencada no tópico anterior (5.11).
- (v) *Balançador* não é um verbebo, no entanto a relação com o brinquedo é nítida, nomeando-o através de uma função – balançar –.

5.13 AMARELINHA

Popular entre crianças e com regras simples de execução, a *amarelinha* é uma brincadeira que possui uma possível origem romana. Os primeiros registros desse jogo datam do século XVII. Entre os anos de 1635 e 1672, o estudioso inglês Francis Willughby descrevia uma brincadeira em que crianças pulavam sobre linhas no chão simbolizando a trajetória do homem durante a vida. A prática da brincadeira oferece a criança maior agilidade, coordenação e força. A questão de número 167 do QSL refere-se a tal jogo. Ao serem inquiridos, além da lexia *amarelinha*, foi possível fazer registro de outras variantes, como apresenta a Tabela a seguir.

Tabela 13 – Frequência das formas lexicais para amarelinha – todas as respostas

Rótulo do ALiB	Variante	Número de Respostas	Percentual de Ocorrências
Amarelinha	Amarelinha	5	41,66%
	Macaco	2	16,66%
	Macacão	1	8,33%
	Pula-pula	1	8,33%
	Não Respondeu	3	25%

Com maior frequência, 41,66%, apareceu a lexia *amarelinha* seguida em menor proporção por *macaco*, sendo a resposta de apenas dois informantes, os termos *macacão* e *pula-pula* apareceram em igual proporção, mencionados por apenas um falante cada. 25% dos informantes não souberam responder, revelando que não conheciam a brincadeira, como se verifica a seguir.

Quadro 16 – Formas lexicais para amarelinha – sexo/gênero e idade dos falantes

Variantes	Homens						Mulheres						TOTAL
	18 a 30		31 a 49		50 a 65		18 a 30		31 a 49		50 a 65		
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	
Amarelinha	+	+	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	5
Macaco	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	2
Macacão	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Pula-pula	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	1
Não Respondeu	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	+	3

A lexia *amarelinha* apareceu em respostas de falantes tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino e, principalmente, aqueles de idade mais jovem, certamente por estes terem sido apresentados a tal brincadeira durante o processo escolar, através dos livros didáticos. *Macaco* apareceu apenas em respostas de informantes do sexo feminino. As lexias *macacão*, este o aumentativo do anterior, e *pula-pula* surgiram apenas em respostas de inquiridos do sexo masculino, com idades diferentes.

Em pesquisa ao dicionário Houaiss (2009), verifica-se que *amarelinha* é uma lexia a qual se encontra dicionarizada, significando que esta é uma brincadeira que consiste em saltar por quadrados riscados no chão, com apoio numa só perna. São apontadas enquanto variantes, os termos: *academia*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela* e *sapata*. Sobre as lexias encontradas durante as entrevistas, viu-se que:

- (i) A variante *macaco*, entre outros significados, é marcada no dicionário como o mesmo que a brincadeira de nome *amarelinha*.

- (ii) *Macacão* é um verbete, as significações que lhes são atribuída não possui relação com a brincadeira, no entanto é explícito que *macacão* é o aumentativo da palavra *macaco*, ligando-se, desse modo, a brincadeira em questão.
- (iii) A lexia composta *pula-pula* encontra-se dicionarizada, esta é descrita enquanto um brinquedo, porém distinto do conceito apresentado pelo ALiB à *amarelinha*, bem como do conceito que o dicionário também apresenta para *amarelinha*.

Ao pesquisar o termo *amarelinha* no dicionário Caldas Aulete Digital (2016), constata-se que este é um “jogo infantil que consiste em pular, num pé só, uma série de casas riscadas no chão”, contudo não é colocada nenhuma outra variante para essa palavra. Ao pesquisar as lexias faladas pelos inquiridos, relacionadas a esse jogo, verifica-se que:

- (iv) *Macaco* possui acepções distintas da brincadeira, tal lexia é utilizada para denominar primatas.
- (v) A lexia *macacão* está dicionarizada, o conceito não condiz com a brincadeira discutida, sendo qualquer roupa inteiriça, que inclua a blusa e a calça em uma só peça.
- (vi) *Pula-pula* não se encontra dicionarizado.

5.14 O QUE OS DADOS REVELAM?

Uma infância saudável proporciona o contato com uma ferramenta educativa de grande valia para o desenvolvimento humano: a brincadeira. Brincar oferece aos sujeitos a importância de respeitar o outro, de que regras precisam, em algumas situações, serem cumpridas, além de auxiliar a criança no desenvolvimento de capacidades corporais, motoras, intelectuais, e assim por diante, além, claro, de ser a responsável por garantir a diversão, a construção de amizades e o prazer na vida infantil, permanecendo, assim, na memória afetiva de qualquer indivíduo.

Ainda na infância, enquanto as brincadeiras são realizadas, é que aprendemos também como nomeá-las, ou como cada uma é nomeada. São suas origens, os objetos necessários à sua prática ou seu modo de execução

que acabam por contribuir na atribuição de tais nomes e foi justamente isto que trabalhamos durante toda a seção: como são chamadas as treze brincadeiras pesquisadas pelo ALiB, através do QSL “Jogos e Diversões Infantis”.

A língua imprime as marcas da sociedade a que representa. Neste sentido, segundo Biderman (2006) é justamente a cultura que causa tais variações no emprego de uma mesma língua, desse modo, é imprescindível considerar todo o contexto sociocultural que envolve a comunidade investigada para o conhecimento das variantes lexicais que estes sujeitos empregam.

Considerando se tratar de uma comunidade cigana, e sabendo que esta possui hábitos muito peculiares, foi possível constatar que, mesmo buscando manter-se fechados aos costumes da comunidade não-cigana, há, no que diz respeito às brincadeiras, uma clara influência. Apesar das origens e práticas, em maioria, serem não-ciganas, as brincadeiras em questão tem grande penetração na comunidade de fala analisada. É importante ressaltar ainda que a infância cigana é relativamente curta, em relação a infância não-cigana, uma vez que as responsabilidades da vida adulta, como o trabalho e o casamento, chegam muito cedo, desse modo as crianças ciganas deixam, em alguns casos, de vivenciar algumas brincadeiras.

Foi obtido durante toda a entrevista um total de 156 respostas, sendo consideradas produtivas 110, 70,51%, as restantes, 46, correspondem àquelas questões que os inquiridos não souberam responder, sendo equivalente a 29,48% do total de respostas. O número de respostas válidas dadas por inquiridos do sexo feminino foi de 53,63% percentual superior as respostas válidas fornecidas por informantes do sexo oposto que foi de 46,36%. Nesse sentido, maior foi o número de questões não respondidas por homens, das 150 respostas obtidas durante os inquéritos, os inquiridos do sexo masculino apresentaram um percentual de não-respostas de 18%, enquanto que as mulheres de apenas 12,66%.

Estudar a área semântica em questão nos proporcionou compreender quão diversa se apresenta uma língua e, certamente, o seu léxico, uma vez que vários foram os significantes que os sujeitos empregaram para referir-se a determinados conceitos. No entanto, há em toda comunidade de fala o que se chama de norma linguística, a qual é estabelecida a partir do uso destes significantes, a respeito disso Biderman sinaliza que

o uso de termos padronizados (normalizados) permite que a comunicação lingüística atinja a eficácia desejada, se os membros da comunidade científica, ou da sociedade em geral, dispuserem do mesmo repertório de signos e esses itens lexicais designarem o mesmo referente na estrutura geral do conhecimento. (BIDERMAN, 1998, p. 19)

Assim, há em toda comunidade de fala – e por este motivo é assim considerada – uma norma lingüística. O Quadro 17 representará a norma na comunidade cigana investigada, apontando para cada “rótulo” do ALiB, a lexia encontrada em predominância no grupo.

Quadro 17 – Rótulos do ALiB e suas respectivas variantes-padrão da comunidade cigana.

Rótulo do ALiB	Variante Predominante
Cambalhota	Maria Cambona
Gude	Gude
Estilingue	Badogue
Pipa	Pipa
Pipa/Arraia	Pipa
Esconde-Esconde	Esconde-esconde
Cabra-Cega	Cobra-cega
Pega-Pega	Pega-pega
Picula	Salva-vida/Ronda
Chicotinho	Pegadinha
Gangorra	Gangorra
Balanço	Gangorra
Amarelinha	Amarelinha

Foi a fim de compreender essa relação língua x sociedade, e de como a língua é capaz de se multifacetar para atender as necessidades daquela comunidade a qual ela é o patrimônio representativo, que se fez tal registro oral. A partir dos estudos culturais, acerca dos costumes ciganos, lingüísticos e lexicais, pudemos refletir e iniciar uma constituição do conhecimento acerca de questões sociolingüísticas; bem como do processo que possui o ato comunicativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos a língua como um sistema aberto, sujeito a variações, não sendo executada de modo homogêneo, é que se visualiza em que se pauta tal estudo, ao serem encontradas lexias várias para designar um mesmo conceito. Sabendo a importância que o léxico possui para a interação entre os sujeitos através da linguagem verbal, é que se optou por investigar um determinado campo semântico-lexical tomando por base o Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil – AliB, escolhendo, enquanto comunidade de fala a ser investigada, um grupo cigano.

A metodologia adotada para desenvolver esse trabalho nos proporcionou uma experiência enriquecedora ao ir além dos fundamentos teóricos e do simples levantamento de dados pretendidos, uma vez que nos foi proporcionado o contato direto com nossos inquiridos, praticantes de hábitos tão peculiares e cercados de estereótipos, os quais, através do estudo, pesquisa e, principalmente, da divulgação destes, tem a oportunidade de serem desconstruídos.

Jogos e brincadeiras permanecem em nossa memória afetiva, pois durante toda a infância vivemos em prol do brincar. É importante ressaltar que a infância cigana se finda muito cedo, por questões próprias (trabalho, casamento), assim, por não ter maior afinidade com certas brincadeiras, algumas questões deixaram de ser respondidas por um ou outro informante, que atribuíam a ausência de resposta ao fato de não ter praticado tal brincadeira, deixando em evidência como as práticas culturais influenciam no léxico e, conseqüentemente, no vocabulário dos indivíduos.

Ao acessarmos a realidade linguística desses sujeitos foi valorizada também sua cultura. A pesquisa realizada além de ter extrema importância no que diz respeito à categorização de dados linguísticos, coloca em evidência uma etnia, que está em nosso meio, por séculos, mas de modo silenciado, alvo de preconceitos, sempre a margem, e com pouca, ou nenhuma, visibilidade.

Produzir um trabalho de tal caráter e com essa magnitude sociocultural e linguística, especialmente, coloca-nos diante do que se considera a conclusão de todo o caminho percorrido. Assim o seria se este fosse realmente possível. O que se conclui, em verdade, é uma primeira etapa, a partir de agora novas etapas estão a emergir. O campo semântico “Jogos e diversões infantis” possui muito a ser explorado e, sem dúvidas, a riqueza que a língua possui proporcionará isto.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M^a da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto Editora, 2006, p. 213-225.

AGUILERA, Vanderci; KAMI, Janaína. **Para um Atlas linguístico do Brasil: a construção dos questionários**. Estudos linguísticos, n. 6, São Paulo, 2003.

Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>> Acessado em 06 mai 2016.

AULETE, Caldas. Aulete digital – **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 10 mai 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Jogos e Brincadeiras Tradicionais**: um passeio pela história. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/47ElizabethBernard>>. Acessado em: 20 ab 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs) **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998, p. 11-20.

_____. Fundamentos da Lexicologia. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário**. In: **Cienc. Cult.** Vol.58 nº 2. São Paulo. 2006.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

_____. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador, Instituto de Letras: Banco de Dados do Projeto ALiB, 2009.

_____. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 2013. Disponível em: <<https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaQuestionarios>> Acessado em 15 mai 2016.

COSTA, Elisa; RIBEIRO, José; VASCONCELOS, Marcia. **Dados oficiais sobre os Povos Romani (ciganos) no Brasil - 2013**. 1 ed. Brasília-DF, 2013.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e Ensino de Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina, sua história e sua gente/memórias**. Jacobina, 1995.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da Gramática**. Vol. 6, 15 ed. São Paulo: 1969.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

NASI, Lara. **O conceito de língua: um contraponto entre a gramática normativa e a linguística**. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/013/13nasi.htm>>. Acessado em: 15 mai 2016.

NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: E. Guimarães, M. Zoppi-Fontana (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem**. Campinas: Pontes, 2006, v. 1, p. 149-172.

OKAMOTO, Sueli Ribeiro de Souza. **O Jogo Popular como Conteúdo de Ensino nas Aulas de Educação Física**. 2011. 38 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Monografia Especialização em Educação Física na Educação Básica – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis de fala**. São Paulo: Nacional, 1982.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. v. 1. Salvador, 2012.

SILVA, Kalina Vanderley; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

TARALLO, Fernando: **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, 127 pp.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANEXOS

ANEXO 01 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PROJETO ALIB

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

155. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (*mímica*)?

156. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

157. ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?

158. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha?

159. PIPA / ARRAIA

E um brinquedo parecido com o(a) _____ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

160. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

161. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

162. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

163. FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE

... esse ponto combinado?

164. CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

165. GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce (*mímica*)?

166. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás (*mímica*)?

167. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? *SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.*

ANEXO 02 – FICHA DO INFORMANTE – PROJETO ALiB

FICHA DO INFORMANTE N° _____ LOCALIDADE _____

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
01. NOME:		02. ALCUNHA:
03. DATA DE NASCIMENTO:	04. IDADE:	05. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> B. <input type="checkbox"/> F
06. ENDEREÇO		
RUA e Nº:		
BAIRRO:	CIDADE:	CEP:
07. ESPÉCIE DE DOMICÍLIO A. <input type="checkbox"/> PRÓPRIO B. <input type="checkbox"/> ALUGADO C. <input type="checkbox"/> FAMILIAR / EMPRESTADO		
08. TOTAL DE PESSOAS QUE RESIDEM NA CASA :		
<input type="checkbox"/> COM PARENTESCO		
<input type="checkbox"/> SEM PARENTESCO		
09. A. RESPONSÁVEL PELA FAMÍLIA: <input type="checkbox"/> HOMEM <input type="checkbox"/> MULHER		
B. GRUPO DE IDADE		
A. <input type="checkbox"/> 15 a 19	E. <input type="checkbox"/> 35 a 39	I. <input type="checkbox"/> 55 a 59
B. <input type="checkbox"/> 20 a 24	F. <input type="checkbox"/> 40 a 44	J. <input type="checkbox"/> 60 a 64
C. <input type="checkbox"/> 25 a 29	G. <input type="checkbox"/> 45 a 49	K. <input type="checkbox"/> 65 a 69
D. <input type="checkbox"/> 30 a 34	H. <input type="checkbox"/> 50 a 54	L. <input type="checkbox"/> acima de 70
10. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> SOLTEIRO B. <input type="checkbox"/> CASADO C. <input type="checkbox"/> VIÚVO D. <input type="checkbox"/> OUTRO		
11. NATURALIDADE:		12. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? ¹
A. PRÓPRIA _____		
B. DO PAI _____		
C. DA MÃE _____		
D. DO CÔNJUGE _____		
13. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: ²		
B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO (S)		
C. EXISTE A INTENÇÃO DE SE MUDAR E CONSTITUIR OUTRO DOMICÍLIO?		
14. ESCOLARIDADE: A. <input type="checkbox"/> NÃO ALFABETIZADO		15. OUTROS CURSOS:
B. <input type="checkbox"/> ALFABETIZAÇÃO		
C. <input type="checkbox"/> FUNDAMENTAL I INCOMPLETO		
D. <input type="checkbox"/> FUNDAMENTAL I COMPLETO		
E. <input type="checkbox"/> FUNDAMENTAL II INCOMPLETO		
F. <input type="checkbox"/> FUNDAMENTAL II COMPLETO		
G. <input type="checkbox"/> MÉDIO INCOMPLETO		
H. <input type="checkbox"/> MÉDIO COMPLETO		
I. <input type="checkbox"/> GRADUAÇÃO INCOMPLETA		
J. <input type="checkbox"/> GRADUAÇÃO COMPLETA		
		A. <input type="checkbox"/> ESPECIALIZAÇÃO
		B. <input type="checkbox"/> PROFISSIONALIZANTES
		C. <input type="checkbox"/> OUTROS

16. FUI CRIADO PELOS PROPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> SIM B. <input type="checkbox"/> NÃO	17. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FUI CRIADO? ¹
18. PROFISSÃO: A. PRÓPRIA _____ B. DO PAI _____ C. DA MÃE _____ D. DO CONJUGE _____	18. OUTRAS PROFISSÕES / OCUPAÇÕES:
19. TEM FILHOS: A. <input type="checkbox"/> SIM B. <input type="checkbox"/> NÃO	21. SE SIM, QUANTOS?
RECEITA	
22. TIPO DE RECEITA: A. <input type="checkbox"/> INDIVIDUAL B. <input type="checkbox"/> FAMILIAR	
CONTATO COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO AGENTES DE PADRONIZAÇÃO	
23. A SEITE TV? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> NOVELAS B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIOS D. <input type="checkbox"/> RELIGIOSOS E. <input type="checkbox"/> FILMES F. <input type="checkbox"/> DE AUDITÓRIO G. <input type="checkbox"/> OUTRO
25. TIPO DE TRANSMISSÃO A. <input type="checkbox"/> SEM GRATUITA B. <input type="checkbox"/> PARABÓLICA C. <input type="checkbox"/> TV POR ASSINATURA	
26. DIVE RADIOS? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> PARTE DO DIA C. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES D. <input type="checkbox"/> 1 DIA INTEIRO E. <input type="checkbox"/> NUNCA F. <input type="checkbox"/> ENQUANTO VIAJA G. <input type="checkbox"/> ENQUANTO TRABALHA	27. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> MÚSICAS B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> RELIGIOSOS D. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO-DEBATE E. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO-POUCO F. <input type="checkbox"/> PRÓCIMA-ASSA COM PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE G. <input type="checkbox"/> OUTRO
28. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE C. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES D. <input type="checkbox"/> RARAMENTE E. <input type="checkbox"/> NUNCA	29. NOME DO(S) JORNAL (S): _____ A. <input type="checkbox"/> LOCAL B. <input type="checkbox"/> ESTADUAL C. <input type="checkbox"/> NACIONAL
30. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> EDITORIAL B. <input type="checkbox"/> ESPORTE C. <input type="checkbox"/> VARIEDADES D. <input type="checkbox"/> PROGRAMA CULTURAL E. <input type="checkbox"/> POLÍTICA F. <input type="checkbox"/> CLASSIFICADOS G. <input type="checkbox"/> PÁGINA POLICIAL H. <input type="checkbox"/> OUTRA	
31. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES B. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE C. <input type="checkbox"/> MENSALMENTE D. <input type="checkbox"/> RARAMENTE E. <input type="checkbox"/> NUNCA	32. NOME E TIPO DE REVISTA: _____ A. <input type="checkbox"/> LOCAL B. <input type="checkbox"/> ESTADUAL C. <input type="checkbox"/> NACIONAL
33. LEMOUE A SÉRIE DE FOLHETOS RELEGIOSOS? A. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES B. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE C. <input type="checkbox"/> MENSALMENTE D. <input type="checkbox"/> RARAMENTE E. <input type="checkbox"/> NUNCA	34. PRÁTICA ALGUMA RELEGIOS? A. <input type="checkbox"/> SIM B. <input type="checkbox"/> NÃO SE SIM, QUAL? _____
35. ACESSO A: A. <input type="checkbox"/> CELULAR PRÓPRIO B. <input type="checkbox"/> COMPUTADOR C. <input type="checkbox"/> INTERNET	36. LOCAL DE ACESSO DA INTERNET? A. <input type="checkbox"/> CASA B. <input type="checkbox"/> ESCOLA C. <input type="checkbox"/> LAN HOUSE D. <input type="checkbox"/> LOCAL DE TRABALHO E. <input type="checkbox"/> CELULAR F. <input type="checkbox"/> CENTRO DE ACESSO GRATUITO

1. Caso não seja natural da localidade.
2. Por mais de 6 meses.
3. Informar naturalidade

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
EVENTOS	A. FREQUENTEMENTE	B. AS VEZES	C. RARAMENTE	D. NUNCA
35. CINEMA				
36. TEATRO				
37. BARES				
38. RESTAURANTES/PIZZARIA				
39. MAN. FOLCLÓRICAS				
40. FUTEBOL				
41. OUTROS ESPORTES				
42. FESTAS DE RUA				
43. FESTA DE CLUBE				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
44. Características psicológicas do informante:	A. <input type="checkbox"/> tímido	B. <input type="checkbox"/> extrovertido	C. <input type="checkbox"/> sarcástico	
45. Espontaneidade da elocução:	A. <input type="checkbox"/> total	B. <input type="checkbox"/> grande	C. <input type="checkbox"/> média	D. <input type="checkbox"/> fraca
46. Postura do informante durante o inquérito:	A. <input type="checkbox"/> cooperativa	B. <input type="checkbox"/> não cooperativa	C. <input type="checkbox"/> agressivo	D. <input type="checkbox"/> indiferente
47. Grau de conhecimento entre inf. e inquiridor:	A. <input type="checkbox"/> grande	B. <input type="checkbox"/> média	C. <input type="checkbox"/> pequeno	D. <input type="checkbox"/> nenhum
48. Interferência ocasional de circunstâncias:	A. <input type="checkbox"/> sim	B. <input type="checkbox"/> não		
49. Caracterização sumária do(s) circunstante (s):				
50. Ambiente do inquérito:				

RELAÇÃO DE MORADORES				
Nº DE ORDEM	NOME	GRAU DE PARENTESCO	SEXO	IDADE

OBSERVAÇÕES:

NOME DO INQUIRIDOR:	DATA DA ENTREVISTA:	DURAÇÃO: